

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

DANILO GIANINI DOCEMA

**DISCURSO E MEMÓRIA: A ARTE DO CONGO DA/NA FESTA DE
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM ESPÍRITO SANTO DO
DOURADO**

Pouso Alegre - MG

2016

DANILO GIANINI DOCEMA

**DISCURSO E MEMÓRIA: A ARTE DO CONGO DA/NA FESTA DE
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM ESPÍRITO SANTO DO
DOURADO**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora ao curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí – Univás como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Área de Concentração: Linguagem e Sociedade

Orientador: Prof^a. Dra. Andrea Silva Domingues

Pouso Alegre - MG

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

DOCEMA, Danilo Gianini.

Discurso e Memória: A arte de congo da/na festa de Nossa Senhora do Rosário em Espírito Santo do Dourado/ Danilo Gianini Docema – Pouso Alegre: Univás, 2016. 71f.


Dissertação de Mestrado do curso em Ciências da Linguagem – Universidade do Vale do Sapucaí - Univás, 2016.


Orientadora: Prof^a. Dra. Andrea Silva Domingues


CDD 410

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Certificamos que a dissertação intitulada "**DISCURSO E MEMÓRIA: A ARTE DO CONGO DA/NA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM ESPÍRITO SANTO DO DOURADO - MG**" foi defendida, em 26 de fevereiro de 2016, por **DANILO GIANINI DOCEMA**, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, nível Mestrado, sob o Registro Acadêmico nº 98007895, e aprovado pela Banca Examinadora composta por:


Prof.ª. Dr.ª. Andrea Silva Domingues
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Orientadora


Prof.ª. Dr.ª. Elizabete Maria Espíndola
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Examinadora


Prof.ª. Dr.ª. Renata Chrystina Bianchi de Barros
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Examinadora

DOCUMENTO VÁLIDO SOMENTE SE NO ORIGINAL

Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (PROPPES)

Av. Prof. Tuany Toledo, 470 – Fátima I – Pouso Alegre/MG – CEP: 37550-000 – Fone: (35) 3449-9231

DOCEMA, Danilo Gianini

**DISCURSO E MEMÓRIA: A ARTE DO CONGO DA NA FESTA DE
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM ESPÍRITO SANTO DO
DOURADO**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora ao curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí – Univás como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Área de Concentração: Linguagem e Sociedade

Orientador: Prof^a. Dra. Andrea Silva Domingues

Dissertação de mestrado defendida e aprovada em 26/02/2016 pela banca examinadora constituída pelos professores:

Dra. Andréa Silva Domingues (Orientadora)

Dra. Elizabete Maria Espindola (Examinadora)

Dra. Renata Chrystina Bianchi de Barros (Examinadora)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Lúcia e Domingos, pois acreditaram em mim desde o início e me ajudaram na concretização desta conquista.

AGRADECIMENTOS

Durante toda a construção desta pesquisa inúmeras pessoas foram importantes para a realização deste trabalho, palavras amigas, conselhos, ou pelas informações cedidas para a conclusão da pesquisa, a eles o meu muito obrigado em especial:

Aos meus pais Maria Lucia Gianini e Domingos Docema por terem me dado à oportunidade de estar sempre estudando, onde sempre me ensinaram que o estudo e a educação vêm sempre em primeiro lugar e pela dedicação em me manter estudando, a vocês eu dedico este trabalho como forma de agradecimento.

Para os meus novos amigos que ao longo de 2 anos de convivência foram especiais e de forma inconsciente me ajudaram na formação de um sujeito-pesquisador da linguagem, entre eles Wagner Ernesto Franco, Alessandra Mello, Marilda de Castro Laraia, Carol Sales.

À professora, pesquisadora e coordenadora Dra. Eni Puccinelli Orlandi, pelo carinho ao curso PPGCL, pela dedicação aos alunos, em especial pelos seus ensinamentos os quais me levaram à melhor compreensão da importância das Ciências da Linguagem e da Análise de Discurso.

A todos e todas docentes do Curso de Mestrado e Doutorado em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí, em especial aos professores componentes da banca de qualificação e defesa, Profa. Dra. Renata Chrystina Bianchi de Barros Profa. Dra. Débora Massmann e Profa. Dra. Elizabete Maria Espindola pela disponibilidade, carinho na leitura e contribuições na conclusão desta dissertação.

A minha querida orientadora, amiga, incentivadora, Prof^a Dra. Andrea Silva Domingues por ter me orientado desde os tempos da graduação, tenho o orgulho de dizer que você é uma das pessoas responsáveis por esta conquista.

Enfim, a todos e todas que de maneira direta e/ou indiretamente fazem deste educador-pesquisador um iniciante da Análise de Discurso, que passa a ver, a entender e a pensar as diferentes formas de constituir na prática docente e acadêmica.

EPÍGRAFE

*Que os vossos esforços desafiem as
impossibilidades, lembrai-vos de que
as grandes coisas do homem foram
conquistadas do que parecia
impossível.*

Charles Chaplin

DOCEMA, Danilo Gianini. **Discurso e Memória**: A arte do congo da na festa de Nossa Senhora do Rosário em Espírito Santo do Dourado. Dissertação – Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí - Univás, Pouso Alegre, Minas Gerais, 2016.

RESUMO

No trabalho de pesquisa intitulado “Discurso e Memória: A arte do congo da/na festa de Nossa Senhora do Rosário em Espírito Santo do Dourado,” procuramos compreender os discursos presentes no acontecimento histórico do festejo de Nossa Senhora do Rosário e da prática de linguagem da festa e da congada. Os festejos são espaços discursivos onde os discursos se materializam, destacando os congadeiros que usam deste espaço como lugar de significância, salientando o trabalho com o interdiscurso, que possibilita todo o dizer. Procuramos realizar análises de entrevistas e de trechos de canções de congada a fim de perceber o processo histórico e o funcionamento do discurso além dos efeitos de sentido causados por eles. Utilizamos entrevistas realizadas com sujeitos que se constituem na festa e na congada. Procuramos alinhar o estudo da história como produtora de sentidos juntamente com a análise de discurso de linha francesa.

Palavras-chaves: Congada. Discurso. História

DOCEMA, DaniloGiannini. **Discourse and Memory: The Art of the Congo on the feast of Our Lady of the Rosary in Espírito Santo doDourado.** Dissertation - Master's course of Language Sciences at the University of Vale do Sapucaí - UNIVAS, PousoAlegre, Minas Gerais, 2016.

ABSTRACT

In the research paper entitled "Discourse and Memory: The Art of the Congo on the feast of Our Lady of the Rosary in the Holy Spirit of Gold," we seek to understand the discourses present at the historic event feast of Our Lady of the Rosary and language practice party and congada. The festivities are discursive spaces where the talks materialize, highlighting the congadeiros using this space as a place of significance, pointing out the work with the interdiscourse, which enables any saying. We seek to carry out analyzes of interviews and congada songs excerpt in order to realize the historical process and the discourse of operation beyond the sense of effects caused by them. We use interviews with subjects that make up the party and congada. We seek to align the study of history as a producer of senses with the French line of discourse analysis.

Key-words: Congada. Discourse.History

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 01: Congada dançando. Festa 2015.....	30
IMAGEM 02: Terno de São Benedito, Nossa senhora do Rosário e santa Ifigênia. Festa 2015.....	31
IMAGEM 03: Localização da cidade de Espírito Santo do Dourado em Minas Gerais.....	33
IMAGEM 04: Capitão de congada.....	35
IMAGEM 05: Congada. Festa 2015.....	36
IMAGEM 06: Terno de congo do Webinho.....	43
IMAGEM 07: Terno de congo do Webinho e o estandarte dos santos.....	45
IMAGEM 08: Visita da imagem de Nossa Senhora à casa de Dona Egidia.....	46
IMAGEM 09: Estandarte dos Santos em frente à igreja das congadas em Espírito Santo do Dourado.....	52
IMAGEM 10: Performance musical de congada, 2015.....	60
IMAGEM 11: Congadeiros(as) descansando.....	64

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
Capítulo I: A ESCRITA DA HISTÓRIA E SUAS FORMAS DE INTERPRETAÇÃO	13
1.1: A transição da História	13
1.2 A Escola dos Annales e suas fases	15
1.3 A história social	21
1.4 Da história oral a análise de discurso	23
Capítulo II: A FESTA COMO ESPAÇO DO DISCURSO.....	25
2.1 Linguagem, Sociedade e a festa	33
2.2 Memória e História	39
Capítulo III: DA LÍNGUA AO DISCURSO.....	50
3.1 Corpo e prática de linguagem	54
3.2 Musicalidade e Linguagem	59
3.3 Texto e discurso	64
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	68
REFERÊNCIAS	70

INTRODUÇÃO

A pesquisa “Discurso e memória: A Arte de congo da/na Festa de Nossa Senhora do Rosário em Espírito Santo do Dourado- MG” propõe estudar as diferentes maneiras de constituição dos sujeitos congadeiros dentro do festejo, apresentando, não somente, momentos desta festa, como também se propõe a refletir sobre os diferentes sujeitos e sentidos em torno do festejo, buscando compreender as relações de homens e mulheres que mantêm, há anos, essa tradição que vem sendo (re) significada dentro do município.

A motivação pelo tema surgiu, primeiramente, de uma afinidade pessoal, por ser residente na cidade, e, também, por participar do festejo todos os anos desde criança. A pesquisa tornou-se instigante, pois podemos expor a tradição da congada relativa à festa ao conhecimento da sociedade, sendo esta acadêmica ou não. Não focamos somente a prática da congada que é desempenhada dentro da cidade de Espírito Santo Dourado, mas também trazemos as sociabilidades dos sujeitos-congadeiros e alguns recortes da discursividade que envolve tal prática.

Buscamos discutir a festa de Nossa Senhora do Rosário como um movimento social de resistência e também como acontecimento histórico. Desta maneira, analisamos as diferentes vivências dos sujeitos que participam e realizam a festa, para compreender os processos de preservação, estratégias de sociabilidades e as transformações deste movimento social.

Por meio do festejo, podemos compreender que a história é também feita por sujeitos sem grandes destaques na sociedade e, muitas vezes, a versão da história destes sujeitos não é contada, o que provoca um efeito de sentido de um acontecimento ausente ou desconhecido ou, até mesmo, com sentidos silenciados, como nos afirma Eric Hobsbawn:

A história dos movimentos populares torna-se então relevante ao tipo de história ou parte dela, que tradicionalmente eram escritas, apenas a partir do momento em que as pessoas comuns se tornaram um fator constante na concretização de decisões e acontecimentos. (1998, p.219)

Contudo, muitas vezes, estes sujeitos servirão de ponto de análise do comportamento, da mentalidade e da sociedade de uma determinada época

(RODRIGUES, 2005). Ao analisarmos os discursos dos sujeitos presentes no festejo, percebemos que a memória individual e coletiva se inter-relacionam:

A memória coletiva, por sua vez, engloba as memórias individuais, mas não se confunde com elas, evoluindo conforme suas leis. Quando ocorre de determinadas lembranças individuais a invadirem, estas mudam de aspecto na medida em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal...Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (HALBWACHS, 2013, p. 72)

A partir de Halbwachs compreendemos que a memória individual e coletiva são mecanismos que estão interagindo de forma que ao mesmo tempo em que estão trabalhando juntas elas também se alinham separadamente, sendo a memória individual, pessoal, cognitiva e a coletiva; a memória social, que é compartilhada em grupos. Mas quando o autor diz que a memória individual não funciona sem as palavras, nós passamos a entender que a memória individual e também a coletiva são mecanismos ligados ao interdiscurso, ou seja, a memória discursiva, aquilo que fala antes em outro lugar.

É nesse sentido que pretendemos entender a relação dos sujeitos que fazem parte do congado da cidade e aquelas que admiram seu desempenho com os discursos que atravessam as estratégias de sobrevivência e costumes transmitidos de geração em geração.

Neste momento, cabe trazer algumas considerações sobre o sujeito, dentro da perspectiva da Análise de Discurso. Para esta disciplina, o sujeito é interpelado pela ideologia e constitui-se como tal por ser afetado pelo simbólico. Daí seu assujeitamento, ou seja, para que o sujeito seja sujeito é necessário que ele se submeta à língua.

Em um próximo momento, o sujeito sofre a individualização pelo Estado, essa é a condição do seu assujeitamento, onde as relações de poder e as instituições têm um papel importante. Dessas condições de produção do sujeito é que se dão as lutas, os confrontos e onde podemos observar os mecanismos de imposição, de exclusão e os de resistência (ORLANDI, 2004).

Quando falamos da congada dentro do festejo, pensamos nela como um mecanismo de resistência. Mas que resistência é essa? Cremos que observar os diferentes discursos em torno do festejo a partir dos participantes dos ternos de congo que trazem consigo a tradição afro-brasileira de tempos remotos para esse

tempo presente é uma forma de perceber a resistência dessa manifestação de linguagem que é a congada, pois, assim pensamos porque, para a AD a linguagem é mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”(ORLANDI, 2010,p.15), para que os discursos possam significar na sociedade não apenas douradense, como também do sul de Minas.

Nossa formação em história (graduação) nos fez compreender que a história feita de baixo para cima, (HOBSBAWN, 1998) que compete aos discursos de inúmeros sujeitos que se fazem constituídos na sociedade e que muitas vezes só aparecem em determinados acontecimentos, e condições de produção que permitem que eles sejam vistos.

Buscando analisar os discursos dos diferentes sujeitos (congadeiros, festeiros, participantes) que compõe a Festa de Nossa Senhora do Rosário em Espírito Santo do Dourado, esse trabalho nos levou a compreender os discursos que funcionam no processo de construção do festejo e os sujeitos que se significam a começar destes discursos.

Para esta pesquisa, adotamos a Análise de Discurso de linha francesa, pensando categorias como memória discursiva, ideologia, história e discurso para darmos ênfase a esta pesquisa. “Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2010, p.15). Assim, podemos pensar no festejo como um lugar de funcionamento do discurso, através de sujeitos que constituem esse acontecimento, ou, mais precisamente, no contato do histórico com o linguístico, pois a AD é uma disciplina de entremeio, possibilitando múltiplas análises do nosso corpus.

Ao mencionarmos a Análise de Discurso como principal força motriz desta pesquisa, temos que destacar a presença teórica de alguns pesquisadores de extrema importância para o desenvolvimento do trabalho, pesquisadores como Pêcheux, Orlandi, Pêcheux, Halbwachs, Domingues, Achard, que sustentarão nosso embasamento teórico e metodológico.

Michel Pêcheux (1969) já nos dizia que o discurso não é meramente uma transmissão de informação e sim efeitos de sentidos entre locutores e retomando ORLANDI:

Para a análise de discurso não se trata apenas de transmissão de informação... pois no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo

processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. Por outro lado, tampouco assentamos esse esquema na ideia da comunicação. A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores (2000, p.21).

Trabalhando com estes conceitos da AD como discurso e linguagem, vamos analisar diretamente o funcionamento dos discursos produzidos por sujeitos em posições sujeitos diferentes, o que faz trabalhar também com a memória discursiva, que, dentro da AD, é o interdiscurso, este definido como “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (PÊCHEUX, 1991). Ou seja, é o “saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sobre o pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2010, p.31).

Ao propormos analisar a festa de nossa Senhora do Rosário em Espírito Santo do Dourado e entendendo-a como uma prática de linguagem, somos levados a trabalhar diretamente com os discursos e sentidos produzidos no/pelo festejo, por sujeitos diferenciados que permeiam este acontecimento, sejam eles congadeiros, festeiros, visitantes da festa e moradores da cidade.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, propomos trabalhar com a técnica da história oral, em forma de entrevistas de histórias de vida, onde cada narrador terá a oportunidade de realizar um diálogo sem perguntas definidas em um roteiro fixo. Além disso, a fonte oral possibilita escutar os sujeitos silenciados (pelos discursos dominantes) pela historiografia dominante.

Partindo da história oral, teremos um corpus de análise, construído por este pesquisador, de entrevistas orais, nas quais os discursos dos sujeitos entrevistados são transcritos. Segundo Portelli (1997, p. 27), “a transcrição transforma objetos auditivos em visuais”, passando a ser um documento escrito, um arquivo. Propomos realizar sete entrevistas com diferentes sujeitos sociais que participam do festejo.

O objetivo das entrevistas é conhecer as trajetórias de vida destes sujeitos, bem como o que eles trazem da festa e seus envolvimento com essa prática de linguagem, na tentativa de compreender como suas lembranças do passado são reconstruídas e significadas no presente.

Algumas das entrevistas mais antigas foram feitas em gravador e as mais recentes com uso do celular. Optei por perguntas abertas na tentativa de tornar

aquele momento um diálogo descontraído, para que os depoentes se soltassem e buscassem nas suas lembranças momentos significativos na vida e na participação da festa.

Para a realização deste estudo, temos também como *corpus* de análise fotografias cedidas pelos entrevistados e ou produzidas pelo pesquisador, sendo estas utilizadas neste estudo, pois, entendemos que fotos, cartazes, folders, faixas e as canções das congadas são formas de linguagem e, sendo analisadas, permitem-nos compreender os sentidos produzidos pelos sujeitos funcionando ideologicamente, juntamente com a memória discursiva que constituem o festejo, para melhor compreender os usos do espaço da cidade.

Priorizamos neste estudo a história oral, como sendo nosso principal corpus, onde realizamos inicialmente entrevistas com os narradores:

- Egidia Maria de Jesus, nasceu no ano de 1925 no dia 25 de junho, foi casada e teve sete filhos, é natural de Silvanópolis aonde nasceu e viveu até os quatro anos de idade. A entrevista foi realizada no dia 06 de junho de 2009 em sua residência.

- Silvio de Oliveira Franco, tem 65 anos, duas filhas, casado e reside em Espírito Santo do Dourado há 36 anos, foi o festeiro da festa de Nossa Senhora do Rosário deste ano.

- Osmar Vieira de Carvalho, tem 87 anos, natural de Silvanópolis e reside em Espírito Santo do Dourado há 50 anos, é viúvo e tem dos filhos, sendo uns dos moradores mais antigos da cidade.

- Maria Vital de Jesus, tem 69 anos, natural de Espírito Santo do Dourado e sempre residiu na mesma cidade, onde morou por muitos anos na zona rural do município; é viúva e tem 12 filhos, sendo que 8 filhos estão vivos. Foi muitas vezes festeira da festa de São Benedito e dançou congo na sua adolescência.

- Weberton de Paula tem 24 anos, natural de Espírito Santo do Dourado e sempre residiu na mesma cidade. Webinho como é conhecido é líder da congada de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e neto de Maria Vital de Jesus (Dona Vita).

- Célio Franco é natural de Espírito Santo do Dourado, tem 39 anos, onde morou por muito tempo na zona rural. É torneiro mecânico e fotógrafo.

-Cintia de Paula tem 16 anos, é natural de espírito santo do dourado, aluna da escola Dom Francisco Silva, onde cursa o primeiro ano do ensino médio. Cintia também pertence a Família de Dona Vita, sendo neta da mesma.

Cabe ressaltar que, ao trabalharmos com entrevistas estamos lidando diretamente com o discurso e como nos diz Orlandi (2010):

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da Língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (p.15)

O festejo de Nossa Senhora do Rosário é o evento onde os discursos se materializam, onde percebemos os sujeitos inseridos em formações discursivas que se significam e se assujeitam, um lugar de afirmação e de resistência. A partir dessas considerações dividimos essa dissertação em três capítulos, organizados da seguinte maneira:

No primeiro capítulo fizemos um levantamento historiográfico e sua evolução durante o final do século XIX até fins do século XX, com o intuito de trazer ao leitor melhor entendimento das formas de ler, escrever e compreender a história, embasados em autores como LucienFebvre, Marc Bloch, Ferdinand Braudel, fundamentando a Escola dos Annales¹.

No segundo capítulo atentamos em transcrever acerca da festejo e suas constituições, seus trajetos na cidade, os sentidos atribuídos aos congadeiros e sua relação com a festa e mostrar nosso objeto de análise que é a congada nos discursos da sociedade douradense.

No terceiro e último capítulo passamos a analisar trechos de canções de congada e sua relação com a língua, o discurso, a memória e história dos ternos de congo e sua relação com os sentidos que são atribuídos aos santos que constituem o festejo.

Acreditamos que este trabalho possa ser um meio para compreender como os sujeitos que se constituem no/pelo festejo se significam perante as discursivizações que fazem parte desta tradição, principalmente aliando a história como constituidora de sentidos e a análise de discurso.

¹A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico surgido na França, durante a primeira metade do século XX.

CAPÍTULO I: A ESCRITA DA HISTÓRIA E SUAS FORMAS DE INTERPRETAÇÃO

1.1 A transição da História

Apresentar a noção de história que cabe a este pesquisador e que está presente na pesquisa, nos remete fazer uma breve passagem pela conjuntura historiográfica que através dos tempos se modificou. O continente Europeu do século XIX, mais precisamente a partir de 1850, passa a se transformar política, econômica e socialmente, era a segunda fase da revolução industrial² e o neocolonialismo³.

O grande avanço científico- tecnológico vivenciado pela sociedade europeia acaba refletindo no campo das ciências sociais, onde a história passa a seguir o modelo proposto por August Comte⁴, o chamado positivismo.

Essa nova linha de pensamento que acumulava vários seguidores, entre filósofos, sociólogos e historiadores, começou a pensar a história como uma cientificação do pensamento e do estudo humano, no qual a busca pela verdade (essa verdade é um sentido que foi atribuído pelos historiadores conservadores) baseada em fatos, a neutralidade entre pesquisador e pesquisa, sem o julgamento e análise, sem a subjetividade são algumas características imponentes do positivismo.

É nessa fase que a química e a física ganham grande destaque na segunda fase da revolução industrial como ciências exatas. Neste mesmo sentido que as ciências humanas como a história se revelam numa tendência cientificista, incorporando novos métodos de se compreender as relações sociais e o andamento das histórias dos povos.

Esse é o caminho do positivismo, estudar a história como uma linha de tempo cronológica, estatizada, amarrada aos fatos e acontecimentos, ancorando em

²A segunda revolução industrial acontece na metade do século XIX, onde sucessivas inovações tecnológicas se dão pela expansão das grandes potências mundiais e com o surgimento do capitalismo industrial ou monetário.

³ Neocolonialismo foi decorrente do avanço da segunda fase da revolução, no qual os países europeus dominaram militarmente, tecnologicamente e culturalmente os países africanos e asiáticos.

⁴ Auguste Comte (1798-1857) foi um filósofo francês. Criou a corrente de pensamento chamada Positivismo.

verdades absolutas (mesmo sentido que foi citado acima, idéia de verdade aqui fortalece uma história de grandes personagens, dando destaque a uma história factual elitista) destacando a história de heróis, como os próprios positivistas crêem, o conhecimento se explica por si mesmo, é o conhecimento empírico sem indagação dos paradigmas, sem rupturas no processo histórico.

Destacamos aqui essa passagem para que o leitor possa estar a par e que seu entendimento seja mais articulado, pois, estamos introduzindo algumas fases importantes da história, fases de transição de pensamentos que norteiam essa pesquisa. Com a chegada do século XX inúmeros acontecimentos irão dar rumos novos aos pensamentos sociais, destacando a primeira grande guerra, o craque da bolsa de New York e a segunda guerra mundial.

A partir desse momento surge na França um movimento que clamava por mudanças e também por uma revolução na maneira de se pensar a história, era a chegada da escola dos Annales no cenário acadêmico.

Em seu famoso livro sobre a história da historiografia, Fueter chama a atenção para o fato de que toda nova abordagem histórica se origina de um acontecimento que determina o rumo da própria história. A insatisfação que os jovens Marc Bloch e LucienFebvre demonstravam, nas décadas de 10 e 20, em relação à história política, sem dúvida estava vinculada à relativa pobreza de suas análises, em que situações históricas complexas se viam reduzidas a um simples jogo de poder entre grandes – homens ou países – ignorando que, aquém e além dele, se situavam campos de forças estruturais, coletivas e individuais que lhe conferiam densidade e profundidade incompatíveis com o que parecia ser a frivolidade dos eventos. Se a história, como sempre pretendeu Febvre, era filha de seu tempo, não seria possível continuar a fazer esse tipo de história convencional que nem correspondia aos anseios de uma humanidade que vivia, nessas décadas, momentos de convulsões e rupturas com o passado, nem conseguia responder satisfatoriamente às exigências do novo homem que daí surgia. (Burke, 1991, p.4)

Peter Burke, historiador Francês define muito bem para nós qual era o desejo já no início do século XX de alguns historiadores acerca de como se pensar a história e cada vez mais se distanciar do cientificismo do positivismo, metódico, erudito, estratificado nos acontecimentos empiristas. O surgimento da escola dos Annales traz consigo a idéia da chamada nova história, permitindo que a história se tornasse mais próxima das ciências humanas e um dos principais pontos em que seus fundadores retomavam era a questão da interdisciplinaridade.

“Os historiadores tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a nova história está mais preocupada com a análise das estruturas.” (BURKE: 1992,12), ou seja, a nova história não se apega

aos acontecimentos isolados da sociedade, não pensa na história como uma linha cronológica, mas sim nos ciclos do tempo histórico, podendo os acontecimentos se resignificarem em outras épocas.

A partir dos Annales passamos a perceber a história como um fruto das ciências sociais, que não se apegam aos acontecimentos tomados como verdades absolutas, enraizada nos fatos, partindo agora para os pressupostos de uma história de longa duração, estrutural. Se a história sob a influência das ciências sociais passa a ser repensada, conseqüentemente uma mudança no campo da pesquisa, onde a nova história deixa de lado todo o objetivismo entre pesquisa e pesquisador, esquecendo essa distância e se embasando em inúmeras fontes de pesquisa, sendo ela documental, numérica, iconográfica, cinematográfica, oral entre outras possibilidades.

A história passa nesse momento a não ser mais concebida como um resultado empírico, especulativo. É através das novas formas de investigar o passado, por meio de uma problematização do presente que os historiadores a partir dos Annales poderiam em instância compreender o presente e suas transformações.

1.2 A Escola dos Annales e suas fases

A revista dos Annales é uma consequência direta do encontro entre os historiadores Lucien Febvre⁵ e Marc Bloch⁶, que se deu na área acadêmica na cidade de Estrasburgo. Após o laço de amizade desenvolvido por ambos e com as mesmas inquietações sobre o rumo que a história estava até aquele momento, urge-se necessário combater a história factual e dar voz aos sujeitos que estavam excluídos dessa forma de se pensar e escrever a história.

⁵Lucien Febvre nasceu em 1878, em Nancy. Estudou na École Normale Supérieure, onde se formou em história e geografia. Em 1911, doutorou-se com a tese *Philippe II et la Franche-Comté: étude d'histoire politique, religieuse et sociale*. Oito anos mais tarde, tornou-se professor de história moderna na Universidade de Estrasburgo (França). Publicou então *La Terre et l'évolution humaine* (1922) e *Martinho Lutero, um destino* (1928). Em 1929, junto ao historiador Marc Bloch (1886-1944), fundou a revista *Annales d'histoire économique et sociale*, que deu origem à corrente historiográfica conhecida como Escola dos Annales. Febvre dirigiu a revista até sua morte, em 1956. Algumas de suas principais obras traduzidas para o português são *O problema da incredulidade no século XVI* (1942) e *Combates pela história* (1952).

⁶Marc Bloch foi um renomado historiador medievalista francês que se destacou por ser um dos fundadores da Escola dos Annales.

A escola dos Annales pode ser referida a três gerações, sendo cada uma delas de grande contribuição para historiografia ocidental e de quebra com os pensamentos chamados conservadores (positivismo e romantismo) até o momento da sua fundação. Esse era o estilo dos Annales, quebrar com os paradigmas e associar a história a um pensamento mais amplo, um estudo histórico que não focasse somente a história política, mas sim uma abertura a história social, econômica, educacional entre outras possibilidades, era um leque aberto aos novos conceitos que se apoderava numa via dupla da historiografia.

Em 1897, Lucien Febvre foi admitido na Escola Normal Superior, então separada da Universidade de Paris. Era uma pequena escola superior, mas altamente qualificada intelectualmente... Aceitava pouco menos de quarenta alunos por ano e era organizada segundo as linhas tradicionais da escola pública britânica (os estudantes eram todos internos e a disciplina rígida)... O ensino era ministrado através de seminários dirigidos por professores altamente competentes nas diferentes disciplinas, e através de aulas expositivas. (BURKE, 1991, p.16)

Nessa passagem, Burke nos relata uma fase essencialmente importante da vida de Febvre, pois, foi na Escola Normal Superior que ele pôde trabalhar com outras áreas das ciências sociais, como a geografia, sociologia e a “havia o linguista Antoine Meillet, um aluno de Durkheim particularmente interessado nos aspectos sociais da língua. A admiração de Febvre por Meillet e seu interesse pela história social da língua evidenciam-se claramente nas inúmeras resenhas de livros de linguistas que escreveu entre 1906 e 1926” (Burke, 1991, p.16).

Importante ressaltar aqui que Febvre teve contato com inúmeros intelectuais de distintas disciplinas, o que lhe inspiraria a combater a história conservadora, mostrando que era possível uma nova forma de trabalhar com a história. Apresentar o interesse de Febvre pelos estudos da linguística e perceber a língua como um fator social é fundamental para nosso entendimento da história como produtora de sentidos.

A carreira de Bloch não foi muito diferente da de Febvre. Frequentou também a École Normale, onde seu pai Gustavo ensinava história antiga. Aprendeu, igualmente, com Meillet e Lévy-Bruhl; contudo, como comprova a análise de suas últimas obras, sua maior influência foi a do sociólogo Émile Durkheim, que iniciou sua carreira de professor na École mais ou menos na época de seu ingresso. (Burke, 1991, p.18)

Durante 13 anos de convivência após a efetivação de Lucien Febvre e Marc Bloch na Universidade de Estrasburgo, foi inevitável para o surgimento de uma amizade que culminou posteriormente na fundação de uma revista que mudou os

rumos dos estudos da história. Foi em 1929 que surgia a idéia de Bloch em retomar um antigo projeto de Febvre, nascia aí a Revista originalmente chamada de “*Annales d’histoire économique et sociale*”.

A relação que ambos desenvolveram na universidade seria responsável por umas das principais características da revista dos *Annales*, a busca pela aproximação da história com outras disciplinas. Foi em Estrasburgo que Febvre e Bloch tiveram contatos com inúmeros intelectuais de outras disciplinas, como por exemplo,

O ensino era ministrado através de seminários dirigidos por professores altamente competentes nas diferentes disciplinas, e através de aulas expositivas. Aparentemente, Febvre foi “alérgico” ao filósofo Henri Bergson, embora muito tenha aprendido com quatro de seus colegas. Um deles foi Paul Vidal de La Blache, um geógrafo interessado em colaborar com historiadores e sociólogos. Fundou uma nova revista, os *Annales de Géographie* (1891), visando a incentivar essa aproximação”. (BURKE, 1991, p.16)

No trecho acima, Burke comprova a ideia de aproximação de Febvre com a geografia, uma das disciplinas com a qual ele trabalhou ao longo da sua vida e no qual ficou conhecido como geografia-histórica⁷.

O interesse de Febvre pela geografia histórica era suficientemente grande para publicar, sob o incentivo de Henri Berr, um estudo geral sobre o assunto com o título de *La terre et l’évolution humaine*. Esse trabalho havia sido planejado antes da Primeira Guerra Mundial, mas teve de ser interrompido quando o autor trocou as funções de professor universitário pelas de capitão de uma companhia de artilharia. Terminada a guerra, Febvre retornou ao seu estudo, auxiliado agora por um colaborador, que foi publicado em 1922. (BURKE, 1991, p.17).

Tal interesse pela geografia pode ser explicado pelo contexto das duas guerras mundiais, tanto é válido destacar essa passagem, pois, Febvre pôde vivenciar os efeitos históricos e geográficos que uma guerra de tal proporção deixa como consequência na sociedade, como a própria cidade de Estrasburgo, que antes da primeira guerra mundial pertencia à Alemanha, logo após o conflito e a consequente vitória dos Franceses, este território passa a ser de dominação francesa. Estes acontecimentos passam a despertar em Febvre inquietações que o fez querer mudar a forma de se trabalhar a História.

O compromisso de Bloch com a geografia era menor do que o de Febvre, embora seu compromisso com a sociologia fosse maior. Contudo, ambos estavam pensando de uma maneira interdisciplinar. Bloch, por exemplo, insistia na necessidade de o historiador regional combinar as

⁷Ver mais em “*La terre et l’évolution humaine*”. Um estudo geral sob o incentivo de Henri Berr, publicado em 1922.

habilidades de um arqueólogo, de um paleógrafo, de um historiador das leis, e assim por diante. (BURKE, 1991, p.18)

Marc Bloch aproxima-se da Sociologia⁸, como já vimos anteriormente, ele passa a ser influenciado pelo Sociólogo Émile Durkheim, tanto que em vários de seus trabalhos, Bloch comprova a interdisciplinaridade e também nos mostra sua grande vontade de transformar a História numa disciplina diferenciada.

March Bloch demonstra um sua obra “Les rôis traumathurgues” que era possível alinhar a história com outras disciplinas, tanto que esta obra contem aspectos da psicologia histórica, sociologia histórica ou antropologia histórica, dependendo da área que fosse interpretada. Importante compreendermos que tanto LucienFebvre como Marc Bloch foram pioneiros no entendimento de uma nova forma de se pensar a história e também de como trabalhá-la e o surgimento dos Annales é comprovação desse pensamento.

Das décadas de 1930 a 1940 os Annales se fortalecem na França como uma revista séria e institucionalizada. Para Febvre e Bloch o caminho da historiografia francesa estava fluindo conforme as suas problematizações e os Annales cada vez mais ganhando prestígio na sociedade. Foi uma grande transformação para a história e também para a sociedade intelectual francesa. A segunda guerra mundial deu rumos novos para a instituição, logo que, March Bloch no auge dos seus 53 anos se alista e vai lutar no conflito. Em 1944 foi preso pelas tropas Alemãs e fuzilado.

Depois da guerra, Febvre teve finalmente sua chance. Foi convidado a auxiliar na reorganização de uma das instituições mais prestigiosas no sistema francês de educação superior, a École Pratique des Hautes Études, fundada em 1884. Foi eleito membro do Instituto e tornou-se também o delegado francês na UNESCO, participando da organização da coleção sobre a “História Cultural e Científica da Humanidade”. Em razão dessas múltiplas atividades, sobrou-lhe pouco tempo para escrever com vagar, e os projetos de seus últimos anos jamais foram concluídos. (BURKE, 1991, p.30)

Como foi destacado por Burke, LucienFebvre passa a conviver com inúmeras outras atividades, deixando-lhe pouco tempo para a organização da revista. A partir desse momento coube aos seus discípulos, entre eles, Ferdinand Braudel dar continuidade aos Annales, iniciava ai a segunda fase da revista, a era de Braudel.

Ferdinand Braudel tinha 27 anos quando a Escola dos Annales foi inaugurada (em 1929), graduou história na renomada universidade de Sobornne. Lecionou na

⁸Ver mais na obra “representações coletivas”, uma frase bastante associada ao sociólogo Émile Durkheim, tanto quanto a frase “fatos sociais”.

área durante anos numa escola da Argélia onde trabalhava na sua tese de doutoramento. Em 1935 foi contratado como professor da Universidade de São Paulo, exercendo o cargo durante dois anos. No seu retorno à França em 1937, Braudel conhece LucienFebvre e acaba sendo a ligação mais importante de sua vida, logo que, Febvre escolhe Braudel como seu discípulo e provável sucessor.

Braudel era um ambicioso historiador, que via no novo método dos Annales sua grande chance de concluir sua tese, sendo esta defendida em 1949, com o Título “O mediterrâneo”. Braudel foi muito intenso na sua escrita, pois, sua tese tinha nada mais nada menos do que 600.000 palavras, dividida em 3 partes.

Esse notável volume causou imediatamente sensação no mundo histórico francês. Sua reputação expandiu-se em ondas cada vez mais amplas em direção às outras ciências e a outras partes do mundo. Não se pode duvidar de sua originalidade. Contudo, como o próprio autor reconhece em seu ensaio bibliográfico, o livro se insere numa tradição ou, mais exatamente, em diversas tradições diferentes. (BURKE, 1991, p. 34,35)

O mediterrâneo certamente foi um divisor de águas na vida de Braudel, elevando-o a um patamar jamais imaginado. Seu trabalho aderiu às características da geo-história, apresentou um estudo sobre a economia e sociedade no mundo mediterrânico, ancorado nas relações do homem e seu meio, a partir de uma análise das diversas temporalidades, na época da dominação política e econômica de Felipe II na região.

De 1956, ano da morte de LucienFebvre, até o ano de 1972, sua “aposentadoria” dos Annales, Ferdinand Braudel tinha total poder sobre a Instituição e também se tornará o historiador mais famoso da França, pois passou a exercer os cargos que eram de seu mestre, cabia a ele dar rumos novos aos Annales e também a área acadêmica da história na França, se tornou “professor do Collège de France, e passou a acumular ao lado de Febvre, a função de Diretor do Centre RecherchesHistoriques, na École de HautesÉtudes” (BURKE, 1991,p, 39).

A concepção adotada por Braudel em sua fase na liderança dos Annales é sem dúvida o trabalho da história de longa duração, ideologia já debatida anteriormente por Febvre, mas que ganha total força nos estudos de Ferdinand. A história de longa duração foi uma inovação na percepção de profundas e constantes conexões entre tempo e espaço, história e geografia, idealizadas e que faziam parte dos trabalhos de Braudel.

Existem duas famosas metáforas de Braudel nas quais o historiador francês expressa de forma admirável o jogo das durações. Uma é a metáfora das ondas e das correntes profundas, sendo que os acontecimentos nada mais seriam do que espumas que se formam na crista das ondas, estas mesmas impulsionadas por correntes profundas. Outra é a metáfora dos vagalumes que brilham contra a escuridão noturna: os eventos que brilham, chamando atenção para si seriam os eventos; mas caberia aos historiadores, sobretudo, estudar a densa obscuridade que permanece para além deles. Esta obscuridade corresponderia às economias, à vida coletiva, às mentalidades, à vida coletiva, à organização social em classes, às civilizações; tudo, enfim, que permanece se repete e se recicla, independentemente do fugaz, embora intenso, brilho dos vagalumes (Barros, 2010, p. 15).

Com a chegada dos anos 60, Braudel passa a incorporar na revista jovens historiadores que logo passariam a integrar e ampliar mais ainda as concepções históricas. Os Annales foram responsáveis até então de procurar dinamizar o estudo historiográfico, permitindo que formas variadas de se fazer e escrever a história fossem desenvolvidas pelos integrantes dos Annales.

A terceira fase dos Annales se enquadra com os acontecimentos que se desenvolvem no mundo inteiro, principalmente no ano de 1968, ano de grandes acontecimentos mundiais, auge da guerra fria, golpes militares, movimentos estudantis e sindicais, efervescendo ainda mais os pensamentos da história.

Ferdinand Braudel foi o responsável pela chegada de novos historiadores na revista, entre eles, Marc ferro, Jacques Le Goff e Le Roy Ladurie, apontando a fase de transição, já que ele mesmo estava se distanciando, deixando poucos trabalhos para a revista.

Com a nova fase em andamento era cabível a chegada de novas concepções sobre o estudo da história, devemos nos atentar que também houve algumas retomadas de ideias que foram deixadas em segundo plano, estudos do político e da história narrativa, por exemplo.

A nova fase abre-se a uma diversificação dos estudos da história, em alguns casos até mesmo numa fragmentação da historiografia francesa. A característica da interdisciplinaridade, comum em fases anteriores é mantida, pois, dela surgem novas abordagens históricas, como história cultural, história das mentalidades, micro história, história total.

Era de fato a nova história sendo colocada em prática, após 1968, ponto de contrapartida em que já se percebia mudanças em relação às fases anteriores. De

fato as novas abordagens historiográficas faziam renascer movimentos antes questionados, mas era necessário.

A transformação historiográfica realizada pelos Annales permitiu que a história fosse compreendida como uma disciplina aberta as outras ciências humanas e que questionar os problemas da atualidade era olhar para trás e analisar os acontecimentos de uma forma mais ampla e investigadora, para tentar compreender o presente. Podemos afirmar que foi possível através dos Annales mudar a forma de se pensar e escrever a história.

1.3 A história social

Ao longo do desenvolvimento humano, o estudo da sociedade foi, é e será sempre um fator estimulante para qualquer área das ciências sociais, despertando interesses e idéias sobre os campos da Filosofia, Sociologia, Antropologia e consequentemente da história.

Com a possibilidade de se agrupar as áreas afins, como já foi descrito no movimento dos Annales, a história passou a ter, a partir de 1960, uma abordagem sobre o social, capaz de fazer com que se torne maior as formas de investigação e de compreensão nas perspectivas de análise histórica.

Essa ampliação fez surgir ou possibilitou a incorporação de inúmeras temáticas como o urbano, a mulher, a família, o crime, a infância, a educação e outros, todos reclamando um lugar do contexto mais amplo da história social e da temática da cultura. Em geral, os historiadores que se dedicam a essas temáticas consideram mais fácil de praticar a história do que defini-la, provocando em seus acerbos críticos, reclamando uma maior explicitação teórica e uma localização mais precisa no debate existente sobre a produção historiográfica. (FENELON, 1993, p. 75)

Segundo DeaFenelon, praticar história social é poder trabalhar com qualquer tema, sem exclusões e que não seja somente uma história presa ao factual, linear, “coloca em evidência as pessoas comuns e seus modos de viver, suas práticas e tradições, suas crenças e valores” (DOMINGUES, 2013). A partir da história social, os historiadores passaram a questionar mais os acontecimentos e também a dar

ouvidos a temas que até então não eram ou não integravam as ambições acadêmicas, para que fosse legitimado pela história social.

A história social nunca pode ser mais uma especialização, como a história econômica ou outras histórias hifenizadas, porque seu tema não pode ser isolado... aspectos sociais ou societários da essência do homem não podem ser separados dos outros aspectos de seu ser... não podem ser separados, mais que por um momento, dos modos pelos quais os homens obtêm seu sustento e seu ambiente material (HOBBSAWN, 1998, p.84)

A história social permite esta abertura entre o homem e a sociedade, como salienta Hobsbawn, ao qual é possível de maneira diversa estudar os diferentes movimentos sociais, sem que aja uma separação entre o político, econômico, cultural entre outras concepções historiográficas. O social tem essa dinâmica em poder estar trabalhando com esses esquemas teóricos sem a perda ou desqualificação de qualquer que seja o tema e colocando em jogo novos sujeitos históricos.

Se levarmos em conta além de outros tipos de fontes textuais, os diferentes suportes documentais como a fotografia, o cinema, o vídeo, a pintura, as artes plásticas, o desenho, a charge, colocando cada um deles uma infinidade de questões que quase sempre só podem ser desenvolvidas a partir do contexto da investigação, podemos as discussões daí resultantes. (FENELON, 1993, p.77)

Através da multiplicidade de temas e também de corpus de análise, a história social permite que nós possamos trabalhar com uma infinidade de acontecimentos que estão no cotidiano dos sujeitos, para DeaFenelon (1993) os chamados temas malditos, ou seja, os sujeitos históricos excluídos da sociedade (pobres, homossexuais, prostitutas, congadeiros, festeiros etc...), são passíveis de serem analisados e que por meio disso possamos dar visibilidade as histórias desses sujeitos, que ocupam diversas posições sujeitos na sociedade, entendendo que a história social é uma produtora de sentidos.

1.4 Da história oral a análise de discurso

Parece inegável a importância conquistada pelas questões sociais na historiografia brasileira e mundial dos últimos anos. A intenção de superar a análise histórica, sob o ponto de vista das totalidades, tem conduzido cada vez mais historiadores à investigação da micro-história e ao uso da Análise de Discurso de linha francesa, que propõe a compreensão dos nexos e das

relações sociais imbricadas nas formas de significar da atividade humana em todas as suas manifestações. (DOMINGUES, 2013)

Trabalhar com a oralidade nos coloca em uma situação de interdisciplinaridade, alinhada com o social e também com a Análise de discurso. Para melhor entendimento, acreditamos que a história oral faz com que sujeitos excluídos historicamente se façam presentes na sociedade, por meio das entrevistas (corpus de análise). “Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas lançam nova luz sobre as áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas”. (PORTELLI, 1997, p. 31)

Ao usarmos da oralidade temos a convicção que os discursos de sujeitos diversos podem dar sinais ou indícios de uma história não contada, ou silenciada, com o qual podem nos revelar práticas cotidianas em que os discursos desses sujeitos foram esquecidos ou literalmente destinados a não pertencer em uma sociedade organizada e excludente, como por exemplo, a prática de linguagem da congada, na sociedade douradense, onde os sujeitos congadeiros passam a ser vistos enquanto tais somente nos dias de festas.

Ao analisar um discurso, percebemos que este está diretamente ligado na maneira de como a sociedade se significa, se forma. Desse modo, trabalhar com a história oral e Análise de discurso é a possibilidade de perceber como a historicidade do discurso “refere-se ao modo como os sentidos são produzidos, como a história dos sujeitos e dos sentidos e a situação são discursivizadas.” (COSTA, 2013).

a desatenção à oralidade das fontes orais tem sustentação direta na teoria interpretativa. O primeiro aspecto que é usualmente destacado é sobre a origem: as fontes orais dão-nos informações sobre o povo iletrado ou grupos sociais cuja história escrita é ou falha ou distorcida. Outro aspecto diz respeito ao conteúdo: a vida diária e a cultura material destas pessoas e grupos. (PORTELLI, 1997, p.27)

O que queremos passar aqui nas ideias de Costa e Portelli é a discussão que na sociedade douradense os discursos de pessoas menos favorecidas, excluídas, invisíveis, passam a ganhar sentidos e se significam também como parte integrante da história dos movimentos sociais, como por exemplo, a festa de Nossa Senhora do Rosário, no qual a congada analisada como prática de linguagem atribui sentidos

aos congadeiros, o que possibilita a construção de um imaginário que não está presente nos documentos oficiais.

a documentação oral vem sendo utilizada para recuperar possibilidades de trabalhar com temáticas contemporâneas ou aproximar-se de grupos e movimentos sociais, onde a Tônica de sua prática não é a escrita e o analfabetismo é uma constante. (FENELON, 1993, p.78)

Como diz Fenelon, a oralidade consegue aproximar dos movimentos sociais como mais facilidade, pois trabalha diretamente com a memória, que num primeiro momento, até mesmo mais superficial, a memória cognitiva. Ao longo do desenvolvimento da análise, nós como analistas de discursos, passamos a compreender essa memória como discursiva, ou interdiscurso.

Ao combinarmos o estudo da oralidade com a AD, nós passamos a compreender que para a pesquisa a questão do analfabetismo é meramente uma denominação, dado que o importante mesmo são os sentidos produzidos pelos sujeitos entrevistados. É nessas condições de produção que viabilizamos o estudo do discurso.

Trabalhar com o festejo e a congada é uma forma de vislumbrar acontecimentos sociais e linguageiros que são constituintes na sociedade do sul de Minas em épocas de festas, estas com datas anuais que a cada ano se ressignificam. A história pelo viés da análise de discurso possibilita que compreendamos os sujeitos se significando, sujeitos ao mesmo tempo do discurso e da história, assujeitados e também atuantes.

A análise de discurso amplia a visão que temos dos sujeitos, trazendo para o campo da história uma produção de sentidos que transforma, que viabiliza compreender que o sujeito do discurso que é afetado ideologicamente.

CAPITULO II: A FESTA COMO ESPAÇO DO DISCURSO

Considerado uma das manifestações mais presente no imaginário dos homens negros, primeiro de escravos e posteriormente dos homens livres, a dança do congo, a chamada congada, tem um papel fundamental no festejo de Nossa senhora do Rosário, podendo ser entendida como um processo de afirmação dos homens negros, que através desta prática reafirmam experiências e formas de resistência (DOMINGUES, 2007, p.94).

Falar da festa enquanto espaço discursivo nos leva a uma série de compreensões possíveis e uma delas é perceber que é na festa que os sujeitos vivenciam e se identificam com a tradição do festejo, se significando com o mundo simbólico do festejo, onde vários sujeitos em diferentes posições realizam práticas de linguagem como a congada, que aqui nessa pesquisa é o nosso objeto de estudo.

Um de nossos objetivos, que cabem a esse capítulo, é compreender o festejo como parte constituinte dos discursos da sociedade douradense, tendo na prática da congada uma manifestação tradicional emblemática na formação destes discursos, que estão inseridos na sociedade e nos sujeitos douradenses.

O nosso objeto de análise nesse capítulo é o festejo, onde passamos a considerá-lo um acontecimento histórico, que por meio das suas praticas de linguagem, como a congada, nos possibilitou analisar através de entrevistas, fotografias, vídeos, canções, ou seja, manifestações de linguagem que se fazem presentes no festejo, os discursos que permeiam a festa de Nossa Senhora do Rosário em Espírito Santo do Dourado.

Para isto, daremos destaque a alguns dispositivos teóricos que consideramos mais cabíveis neste capítulo, como: Linguagem, história, ideologia e interdiscurso. Temos a certeza que inúmeras teorias são suscetíveis para a construção desta pesquisa, mas é importante ressaltar que em outros momentos estaremos trabalhando com outros dispositivos importantes para a história quanto para a análise de discurso.

Destacar as práticas culturais existentes na festa de Nossa Senhora do Rosário em Espírito Santo do Dourado MG, aliando a história como constituidora de sentidos que auxiliada pela análise de discurso tem um forte embasamento para

compreendermos melhor essas práticas discursivas, que ao longo do tempo, se (re) significam, no já dito, na memória discursiva dos sujeitos praticantes do festejo, pois, a história não pode ser vista como uma disciplina do passado (DOMINGUES, 2007), mas sim como um movimento, que em novos discursos retomam sentidos que outrora fizeram parte da história, nas palavras de Orlandi:

sujeitos, ao mesmo tempo, á língua, á história, ao estabilizado e ao irrealizado, os homens e os sentidos fazem seus percursos, mantêm a linha, se detêm junto às margens, ultrapassam limites, transbordam, refluem. No discurso, no movimento do simbólico que não se fecha e que tem na língua e na história sua materialidade (2010, p.53).

Trabalhando com a História e a análise de discurso de forma que é através da análise de discurso que entendemos que a história do festejo em Espírito Santo do Dourado é uma prática de linguagem em movimento, que se ressignifica a cada vez que uma palavra é enunciada, que se constitui no interdiscurso que está funcionando na festa, na congada.

Através da História, social percebemos que a história deve conceber outras ciências para se completar e por isso a análise de discurso é fundamental para ampliar as perspectivas de estudos pela e na linguagem, sendo que tudo o que o sujeito faz é constituído pelo discurso.

Em suas aulas Orlandi, sempre salientou que devemos nos manter firmes na teoria da Análise de Discurso, para assim trabalhar no entremeio, sendo uma palavra-chave na análise de discurso, que se originou entre as contradições da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise. No entanto, Orlandi (2012) amplia esse conceito para mostrar que o entremeio é igualmente convocado no contato com outras áreas que venham a entrar no jogo discursivo através da materialidade significante em análise.

Assim entendemos que ela (análise de discurso) nos permite ampliar nossa interpretação dos acontecimentos. Para isso, procuramos analisar os discursos que circulam o/no festejo, para compreender os sentidos que constituem essa prática de linguagem. Orlandi nos atenta que trabalhar com a análise de discurso é trabalhar diretamente com o discurso, com a língua em sua forma material, ou melhor, dizendo,

Por esse tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. A AD concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação que é o discurso torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (ORLANDI, 2010, p.15).

Podemos entender que o sujeito se dá no e pelo discurso, pois, sabemos que na análise de discurso o sujeito sempre é o sujeito do discurso, e que o discurso só existe na relação com outros discursos e o sentido sempre pode ser o outro, e entendendo que a língua é sujeita a falhas e são nessas falhas que a história se inscreve. Portanto, pensar em história na análise de discurso é dialogar com as condições de produção dos discursos e que estão relacionados às relações de poder do lugar ocupado pelo sujeito do discurso e seus interlocutores.

Pêcheux (1975) já dizia, não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido, nesse mecanismo o sujeito para se significar tem que se inscrever na história, onde ideologia e inconsciente estão materialmente ligados pela língua.

O discurso não é meramente uma transmissão de informação, onde um fala e o outro recebe a mensagem já decodificada, existe aí nesse espaço entre o dizer e o interpretar as produções de sentido, que fazem parte da constituição dos sujeitos. Não tratamos o discurso somente como produção imediata do entendimento do homem com o mundo e sim como parte constituinte da sua identificação enquanto sujeito, sujeito este assujeitado pelo estado.

Trabalhar com a História e a AD é poder trazer à tona muitas histórias e outras memórias dos participantes do festejo, entendendo também a festa como uma manifestação de linguagem, que mais fortemente podemos ver nas congadas, onde inúmeros sujeitos participam e se fazem vistos e ouvidos, seja nas canções, nas danças, nas performances que fazem da congada uma prática de linguagem, que está inserida dentro do espaço discursivo que é a festa.

Entendemos que existem diferentes redes de memória discursiva (interdiscurso), que são assegurados pela linguagem e que o sujeito, efeito de linguagem, (re) produz dizeres de diferentes redes. Dessa forma entendemos que a congada é uma resultante de um conjunto de redes de sentido que diz respeito ao interdiscurso, que não é a memória individual, relacionada a lembranças, mas sim

discursiva, na produção e configuração dos sentidos, onde a congada passa a ser entendida por nós como um efeito de sentido, tendo como base a linguagem.

A congada passa então a ser considerada uma prática de linguagem, constituída por diferentes processos discursivos, ou seja, por diferentes modos de se dizer, diferentes modos de processos de significação. Os processos discursivos constituem as praticas discursivas, nas quais há certa estabilidade do(s) sentido(s), porque “sabe-se bem que não se tem o direito de se dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (Foucault,1996,p.09). Há nas praticas discursivas, as produções de certas repetições dos e nos dizeres.

As praticas⁹ são produzidas por meio de funcionamentos de linguagem na/pela sociedade, em diferentes espaços discursivos. Ela se configura como um aspecto dessa relação constitutiva entre prática discursiva e espaço discursivo.

A prática discursiva tem a ver com o modo de dizer e o espaço discursivo envolve não só a prática, mas também os sujeitos dessas práticas (e como relacionam) e as condições de produção de (incluindo as tecnologias que suportam) tais práticas.

Constituir-se congadeiro(a) é estar presente na sociedade, ocupando posições sujeito que são atravessados por mecanismos languageiros que levam à produção de dizeres que tendam ao um do sentido numa determinada pratica de linguagem , que em dias de festa, celebrando os santos, cantando, dançando, estão ao mesmo tempo, mesmo que de forma inconsciente, participando efetivamente de discursos, como nos diz Orlandi “ toda palavra faz parte de um discurso.

Todo discurso se delinea na relação com outros discursos (2010, p.43), compreendendo que toda manifestação de linguagem pode ser um discurso, ou seja, as danças, as canções, celebrações são constituintes dos sujeitos, atravessados por interdiscursos, o já dito, de outros tempos que se fazem presentes nos dias atuais, tudo isso presente nas práticas de linguagem, como a congada.

O espaço discursivo não é um espaço físico, mas, sim simbolizado no qual se inserem as formações discursivas, entendida “como aquilo que numa formação

⁹Significado de Prática: 1 Aplicação das regras e dos princípios de uma arte ou de uma ciência.2 Ato ou efeito de praticar.3 Maneira habitual de proceder.4 Conversação, palestra, discurso, fala. DicionárioAurélio. Primeiramente não consideramos o significado, mas sim o sentido de prática. Nesta pesquisa consideramos a prática como modo de produção de significação.

ideológica dada, ou seja, a partir de uma conjuntura sócio-histórica dada, determina o que pode e o que deve ser dito.” (ORLANDI, 2012, p.43). O sujeito congadeiro inscreve-se nesse espaço entrando (colocando-se, por interpelação, identificação) na ordem discursiva própria às formas que constituem o espaço discursivo.

A prática de linguagem está relacionada ao que acontece no espaço discursivo. O modo como se diz em determinado espaço discursivo é próprio/específico da linguagem que este espaço abrange, assim como é próprio também desse espaço discursivo. Ao dizer de um modo e não de outro, um sujeito funciona discursivamente na prática e se inscreve no espaço.

Podemos compreender que para nós o espaço discursivo aqui trabalhado é a festa e uma prática de linguagem importante é a congada, sempre estando o espaço discursivo afetando e (vice e versa), o que significa dizer que há relação entre sociedade e linguagem.

Como nos diz Domingues (2007, p.34) “compreendemos que a festa faz parte da cultura de seus participantes, que partilham um conjunto de valores e significados”. Assim, podemos dizer que os dias de festa são momentos aonde a população desfruta de particularidades e ações como fé, lazer e devoção que se tornam importantes, produzindo diferentes interpretações, gerando efeitos de sentido que muitas vezes fazem surgir novos dizeres.



Imagem 01: DOCEMA, Danilo. Congada dançando. Festa 2015

Na imagem 01 podemos ter uma noção melhor do espaço discursivo e da prática de linguagem da congada. Em dias de festa a congada percorre as ruas da

cidade onde a festa ocorre, estando a população e a congada dividindo o mesmo espaço, que é físico e ideológico. Os diferentes sujeitos que participam do festejo passam a se significar e ressignificar atravessados pelos discursos que se materializam na festa.

Perceber a congada como produtora de sentidos é entender que os sujeitos se inserem historicamente na sociedade e a história se inscreve pelo discurso, pois, o sujeito sempre é o sujeito da linguagem, e compreendemos que a congada é uma manifestação de linguagem, através da dança, dos cantos, das batidas, suas significações e seus sentidos, que retomam um discurso sobre o passado de lutas e resistências.

Importante destacar que para a AD, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se possa produzir o dizer:

este é o trabalho da ideologia: produzir sentidos, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. Temos então a ideologia como carro chefe da relação interpretação/ sentido, pois, o homem é levado a interpretar o tempo todo, com qualquer tipo de objeto simbólico. (ORLANDI, 2010, p.46),

Pensar nos congadeiros(as) é destacar o já dito, discursos do passado que se fazem presentes nos dias atuais, estando eles (re)significados a sua maneira, como na foto abaixo, o qual procuramos demonstrar como os sujeitos congadeiros, ocupando essas posições sujeitos em dias de festa se significam e produzem sentidos diferentes.

É no trabalho da ideologia que podemos perceber os sujeitos e os sentidos se constituindo enquanto tais, na relação com a língua, onde os discursos passam a fazer sentido, estar sujeito “de” ou sujeito “a”, frente a uma constituição histórica – ideológica (ORLANDI, 2011, p.49) é a forma em que os sujeitos passam a se constituir no mundo capitalista atual, assujeitados a regras e leis do estado, ou as leis de Deus, quando sujeitos ocupam posições religiosas.



Imagem02: DOCEMA, Danilo. Terno de São Benedito, Nossa senhora do Rosário e santa Ifigênia. Festa 2015

No Estandarte carregado está escrito a seguinte frase:

Terno de São Benedito, Nossa senhora do Rosário e Santa Ifigênia, Capitão José Otavio Filho (Dadú), FUNDADO EM 1922, MACHADO-MG, versículo "longe está o senhor dos ímpios, mas escutará a oração dos justos" Cap15, v 29

O estandarte leva o nome de Santos e do fundador e capitão da congada, o que nos faz pensar em como a religiosidade é presente nos discursos do congadeiros(as), na subordinação do homem ao discurso religioso (Orlandi 2010), estando eles atravessados por uma memória que é passada ao longo dos anos pelos discursos e que a congada faz questão em manter viva e para que fique marcado e que os sentidos produzidos pelos sujeitos que ao ler o estandarte são diferentes pra cada sujeito, pois estão levados a interpretar cada um a sua maneira, dependendo de qual formação discursiva ele esteja inserido.

Perceber como a ideologia atravessa os sujeitos congadeiros, produzindo sentidos, como no próprio estandarte, quando se coloca um enunciado retirado da Bíblia, para que as pessoas possam ver nos dias de festa, todo o

assujeitamento perante aqui as leis divinas, para que o sagrado e profano possam estar alinhados aos discursos que permeiam a congada.

Essa atitude de colocar uma citação bíblica num estandarte é considerada uma resistência dos congadeiros, mas resistência a que? A quem? Aqui essa resistência é uma forma de dizer que a congada é uma prática que transparece ser pertencente à discursividade da igreja católica ou tenta parecer subordinados a igreja, para manter viva a sua tradição na sociedade.

Para acrescentar o nosso pensamento, Caio Prado Junior nos diz:

o sincretismo religioso que resultou do amálgama de catolicismo e paganismo, em doses várias, que formaria o fundo religioso de boa parte do Brasil. Religião neo-africana, mais que qualquer outra coisa, e que se perdeu a grandeza e elevação do cristianismo, também não conservou a espontaneidade e riqueza de colorido das crenças negras em seu estado nativo. (1994, p.272)

Também consideramos uma resistência a discursos elitizados, que quando os tambores soam nas cidades em dias de festas, sentidos racistas atribuídos aos congadeiros são discursivizados como nos diz Webinho “esses negócio de macumba, macumbero.”

Por ser a sociedade mineira em sua maioria católica e que se constituem nesse discurso religioso da igreja, muitos sujeitos fazem essa relação de congadeiro com macumbero, atribuindo fortemente este sentido aos sujeitos congadeiros. Muitas vezes esse sentido é atribuído porque em dias de festa as missas de domingo ficam vazias, pois a população está em festa, deixando de comparecer no ritual católico.

Entendemos também que a história que foi cristalizada sob os discursos acerca da escravidão no Brasil, retomando esse sentido de que o congadeiro é resultado das práticas de ex-escravos ou descendentes destes, que fazem barulho e não deixam os brancos dormirem e por isso a congada é lembrada como macumba¹⁰.

Essas relações estão ligadas pela memória discursiva, que ao passar dos tempos foi se constituindo na sociedade. Colocar então uma passagem bíblica no estandarte pode ser considerado uma resistência, que permite aos congadeiros estar praticando a congada, mas não fora da igreja católica, ou se constituir dessa

¹⁰S.f. Designação genérica atribuída aos cultos afro-brasileiros, de origem nagô, cujas influências africana, católica, espírita, ocultista e ameríndia determinam seus rituais.

forma. São essas táticas usadas pelos congadeiros que permite que estes sujeitos resistam ao funcionamento do discurso fundador que segundo Orlandi (1993) “são os enunciados que ecoam e reverberam os efeitos de nossa história, em nosso dia a dia, em nossa reconstrução cotidiana, em nossa identidade.”

2.1 Linguagem, Sociedade e a festa

A cidade de Espírito Santo do Dourado localiza-se no sul/sudoeste de Minas Gerais, a distância até capital Belo Horizonte é de aproximadamente 400 km e tem como municípios limítrofes São João da Mata, Congonhal, Pouso Alegre, Silvanópolis e Ipuíuna.



Imagem 03: Localização da cidade de Espírito Santo do Dourado em Minas Gerais

Segundo dados do IBGE¹¹, a população de Espírito Santo do Dourado é de aproximadamente 4.293 habitantes, estando distribuídos entre as zonas rurais e a área urbana. A economia da cidade gira em torno da agropecuária tendo como principais produtos a batata inglesa, milho, feijão, mandioca salsa, morango, banana e a criação de gado leiteiro e de corte. Completando a lista temos na cidade vários comércios e indústrias (têxteis, alimentícia e de chicote de motos), gerando vários

¹¹ Dados do IBGE 2009

empregos e movimentando o investimento na cidade por parte dos migrantes como dos próprios habitantes.

Conhecer um pouco mais da cidade onde realizamos o estudo do festejo de Nossa senhora do Rosário, pode nos levar a uma compreensão mais específica de como a língua, sociedade e história, são categorias importantes para a construção da pesquisa. Trabalhar com o discurso é trabalhar ao mesmo tempo com os sujeitos e com a sociedade, o simbólico que faz sentido e como a sociedade em dias de festa se constitui, em inúmeras manifestações da linguagem, como a congada, as músicas, as danças.

A linguagem nesta pesquisa é pensada na sua relação com as práticas sociais, históricas e econômicas, produzindo sentidos que concretizam uma melhor compreensão do nosso objeto de estudo.

Percebemos isso quando falamos que a economia Douradense é na sua maioria agropecuária, ou seja, estes sujeitos que ocupam as profissões relacionadas a esta atividade, se fazem constituídos de uma maneira e não de outra (assujeitados), estão inseridos numa discursividade e não em outra, entendendo que o sentido sempre pode ser o outro (ORLANDI,2010), isto nos permite falar que em dias de festa, são estes mesmos sujeitos que acabam ocupando outras posições sujeitos, como por exemplo, festeiros, expectadores, consumidores, congadeiros(as), se significando e sendo significados de formas diferentes, aflorando as relações sociais e simbólicas com o festejo.

O festejo de santos como a festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário é praticada em muitas cidades e na atualidade a sua discursividade é praticada. Em seu trabalho Domingues (2007) nos mostra que a congada e as festas de santos negros são acontecimentos constituintes da região do sul de minas, e por isso, uma manifestação que tem na linguagem seu maior funcionamento. É na congada que podemos perceber como a linguagem, a sociedade a história, seja nas vestimentas, nas danças, nas canções, na instrumentalização, se faz resistente, se faz presente na sociedade do sul de Minas e em Espírito Santo do Dourado.

Ao atentarmos para as vestimentas das congadas, percebemos que está arraigada uma memória que remonta ao um passado constitutivo da história dos afro-brasileiros. As cores chamativas das roupas que são usadas pelos congadeiros é uma forma de ressignificar e destacar que a história afro-descendente ainda é marcante na sociedade, pois, ao usarem estas roupas, os congadeiros estão

ocupando esta posição sujeito e se constituindo no processo identitário que marca a prática de linguagem congada aqui no sul de minas.



Imagem 04: DOCEMA, Danilo Gianini: Capitão de congada

Para melhor situarmos aqui na pesquisa sobre a congada, decidimos melhor exemplificar nas palavras de Socorro e Martins da Silva, para que possamos nos identificar e produzir sentido sobre/da congada:

O grupo do congo é a menor unidade de dança da congada. Cada grupo de congo é chamado de terno. O comando é entregue a um capitão. Na ausência do capitão, este é substituído por capitães suplentes: o primeiro capitão, o segundo capitão, o terceiro capitão e até o quarto capitão. O grosso da tropa de um terno é formada de soldados, conhecidos entre eles mesmos mais como brincadores.

O estandarte é carregado por um conjunto de bandeirinhas. Bandeirinhas são moças e meninas que desfilam adiante do próprio terno. Há ainda um conjunto de instrumentistas, que desfilam entre as duas alas de soldados que tocam sanfona e violão. A reunião de todos os ternos de congo é a congada.

O reinado com os seus reis e cortejos são a face que melhor representa a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. O rei do congo, ou o rei da irmandade, não reina sozinho. Ele reina juntamente com sua esposa, filhas e filhos; juntos, constituem o próprio reinado. “Durante a festa, as maiores homenagens cerimoniais são dirigidas à família real, isto, ao reinado (2003, p. 64).



Imagem 05: FRANCO, Celio. Congada. Festa 2015

Na imagem 04 e 05 podemos perceber a explicação de Socorro e Da Silva, que as vestimentas usadas pelos cogadeiros(as) são para nós uma manifestação da linguagem, pois, existe dentro do terno de congo uma hierarquia a ser seguida, como, por exemplo, o indivíduo de vermelho simboliza o rei, acompanhado por sua rainha e sua princesa, logo atrás a formação dos dançarinos, cantores, batedores de caixa entre outros. Manifestação de linguagem porque as vestimentas marcam os sentidos que fazem dos sujeitos congadeiros personagens importantes do festejo.

Na formação da congada, como foi desenvolvido por Socorro e da Silva (2003), as posições sujeito ocupadas pelos congadeiros seguem a hierarquia de uma monarquia, com reis, rainhas, princesas, príncipes, guarda real, súditos e nobreza. Claro que dentro da congada essa formação hierárquica é representativa, onde ecoam discursivamente memórias de um passado que nos remete a história africana.

Antes dos europeus dominarem economicamente e politicamente o continente Africano, as diversas etnias mantinham relações sociais diversas, e uma dessas formações nos remete a monarquia, como no caso do país Congo, localidade que se origina o nome da congada. Historicamente os povos africanos no processo de escravidão foram trazidos para serem tratados como mão-de-obra aqui no Brasil. Não foram inseridos somente no processo econômico, também foram constituídos ao longo dos anos culturalmente.

Na Análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. Por esse tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se (ORLANDI, 2010, p.15).

Como nos diz Domingues (2007, p.34) “compreendemos que a festa faz parte da cultura de seus participantes, que partilham um conjunto de valores e significados”. Assim, podemos dizer que os dias de festa são momentos aonde a população desfruta de particularidades e ações como fé, lazer e devoção que se tornam importantes nessa condição de produção (festa/festejo).

Os dias de festa também são um momento de reencontro, de retorno à terra natal, onde filhos, irmãos, familiares se reencontram, pois apesar de muitos desses estarem residindo em outras cidades retornam a cidade nos dias de festa para rever amigos e familiares, fazendo com que os momentos da festa também sejam um espaço de sociabilidade onde homens, mulheres, jovens, crianças e idosos se reúnem para comemorar ou apenas se reencontrar.

As festas regionais que acontecem no sul de Minas segundo Vieira (2014, p.19) “significam de maneira diferente nos discursos que determinam os diferentes sujeitos que se relacionam afetados sempre pela ideologia e que se constitui em espaço de produção de novos discursos e atribuição de sentidos”, percebendo os festejos como formas de significação que estão a cada ano se (re) significando, com novos discursos, novos sentidos, novos participantes, vendo a história não como um movimento linear e sim como movimento espiral com seus encontros e desencontros.

Muitas dessas festas têm caráter religioso e cada qual corresponde, em geral, a comemoração a um santo. Tais festas são caracterizadas como populares pelo

fato de muitas delas serem formadas por praticas cotidianas que envolvem grande parte da população, mesmo que tal envolvimento seja apenas como expectadores.

As festas são importantes elementos da cultura de um povo, pois, através delas, os grupos apresentam as suas historias, suas danças, seus ritmos... Geralmente, as festas são uns dos poucos momentos de lazer de algumas sociedades, e é nelas que as pessoas se encontram, reveem amigos, tem seus namoros, reencontram parentes distantes, compram roupas novas, vão a feira e dançam um pouco mais (SOCORRO& DA SILVA, 2003,p.10).

É no contexto dessas palavras que podemos pensar na festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Espírito Santo do Dourado, tentando entendê-la como uma junção de valores, práticas e tradições que envolvem toda a sociedade, Orlandi em *Linguagem e Sociedade* (2014, p.29) faz uma referência a questão das diferenças, igualdades e minorias, e em sua introdução já diz:

Faz parte dos discursos, que se pretendem engajados nas questões sociais, pronunciarem-se sobre igualdade, diferença, culturas, minorias. Eu colocaria todas estas manifestações discursivas, contemporaneamente, na relação com o que se pode chamar o processo discursivo da mundialização, de que são parte. Processo em que se significam, a seu modo, o local e o mundial, o que pertence e o que não pertence, o do lugar e o de fora, o familiar e o estranho, o igual e o diferente, as minorias e o “povo todo”, o nacional e o estrangeiro, o ecológico, o terrorismo, a segregação, etc.

Pelo viés desenvolvido por Orlandi, pensamos no festejo como uma relação discursiva que o sujeito (individuo) desenvolve com a sociedade, esse mundo simbólico, atravessado pela ideologia e assujeitado pelo estado, pois, ao dizermos que a festa é um lugar de resistência, de conflitos, de ideologias, de encontros de discursos (Interdiscurso), estamos dizendo que o festejo é parte vital da cultura desses sujeitos e reforçando Orlandi (2014) diz que é inegável que um fato importante neste processo é o da noção de sociedade ter-se aproximado da noção de cultura.

2.2 Memória e História

Trabalhar com o festejo, com a congada dentro do festejo é estar em constante debate com a história dos sujeitos que constituem os modos de se viver, de se fazer presente na sociedade, no mundo. Através da memória discursiva podemos conhecer um pouco mais das histórias de vida dos sujeitos, das tradições

e compreender os discursos nas trajetórias dos sujeitos congadeiros. Utilizando da história oral podemos entender mais o significado das práticas da festa e da congada, como nos afirma Portelli (1997) entendemos que tradição e memória se interagem constituídas nas experiências sociais vividas.

Continuando esse pensamento do trabalho da oralidade, Domingues (2012, p. 21) nos diz que “a história oral tem sido uma das grandes contribuições ao estudo das experiências de homens e mulheres em diversos e diferentes setores da sociedade, abrindo um caminho de conhecimento e possibilidades de valorização de grupos sociais até então invisíveis na documentação escrita”.

O festejo constituiu na vida dos habitantes de Espírito Santo do Dourado, como a congada também, e através dos depoimentos que colhemos para realização desta pesquisa, como experiências de vida, compreendemos que a memória discursiva que circula entre os diferentes sujeitos está atrelada a forma como estes se constituíram ao longo dos anos.

Com o viés da AD temos o conhecimento que a memória discursiva está inscrita na produção de linguagem dos sujeitos e também como nos diz Pêcheux (2010, p.50): “Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória Individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída pelo historiador”.

Como já foi explanado, a festa de Nossa Senhora do Rosário é uma tradição que se insere na sociedade da região do sul de Minas, praticamente todas as cidades vizinhas a Espírito Santo do Dourado praticam essa manifestação de linguagem, cada uma com suas particularidades. Nesse sentido devemos ter a preocupação em situar aqui a categoria de memória discursiva, o já dito, o interdiscurso, percebendo o seu funcionamento no discurso, estruturada pelo esquecimento, como Courtine já dizia, fala uma voz sem nome.

De acordo com Courtine e Marandin (1981, p.24), o interdiscurso é o processo de reconfiguração incessante {...}, representando tudo aquilo já dito e, também a ser dito. O interdiscurso é a base para a produção dos sentidos, visto que é o acúmulo de todos os dizeres já (Re) produzidos e de todas as possibilidades de (se) dizer. É aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente: o já dito. Ele é tudo aquilo que já foi dito, produzido, e o que não foi ainda, mas está em potencialidade de ser dito.

Ah, tem né, não é muita coisa né, mais vai seguinoné,tem as barraquinhas, que vem de fora, faz doce pra vender, um tanto de coisa, a festa do Rosário, minha mãe fez meio pobre, teve uns 04 ternos de congo, tinha o do padre, do João Sabino, meu irmão, os dos perera e 04 com o da Mata, 03 terno da cidade” (Dona Egidia¹²).

Egidia Maria de Jesus, uma de nossas entrevistadas neste estudo, nasceu no ano de 1925 no dia 25 de junho, negra, foi casada e teve sete filhos, é natural de Silvanópolis aonde nasceu e viveu até os quatro anos de idade, Dona Egidia como é conhecida na cidade faleceu este ano. Na suas falas podemos ver que a memória é atravessada por discursos atuais e também de tempos remotos, pois ela explicita que em tempos atuais a festa vai seguindo, quando nos diz “mas vai seguindo né” mantendo a tradição desde a origem da primeira festa realizada na cidade de Espírito Santo do Dourado pela sua mãe no ano de 1939.

Dona Egidia nos fala que, tem as barraquinhas, que vem de fora, demonstrando que festa tem participação externa a cidade em especial que tange ao comércio e no dizer, minha mãe fez meio pobre, nos relata a condição financeira da festeira que era sua mãe, mas um dos sentidos possíveis deste dizer se refere a questão da participação da congada, pois apenas 4 ternos de congo participaram da festa, mostrando como a congada é importante para os dias de festa, assim podemos pensar que o festeiro que consegue trazer para a cidade em dias de festa um grande números de congadas , acaba fazendo uma festa rica, um festejo para se inscrever na história, que através dessa prática de linguagem da congada acaba produzindo sentidos que se constituem na memória dos sujeitos participantes do festejo.

os congo quando vem aqui em casa, nossa, é uma bagunça, quando já sabe compro aquele tanto de guaraná pra servir, e eu queria sai, fechei a casa saí, a hora que eu cheguei ali fora aquele tanto ali esperando, vieram quietinho... Meus filho nunca dançou congo, mas os neto vai... Muito bom, tão tudo bonito, e lá no congo tem tudo, o mestre, a rainha, os que batem caixa, os que tocam viola pandeiro, tem as música, quando eles vai na casa do festeiro vai toma guaraná, agradece ,e essas músicas (DONA VITA,2009¹³).

Maria Vital de Jesus, conhecida como Dona Vita, tem 63 anos, natural de Espírito Santo do Dourado e sempre residiu na mesma cidade, onde morou por muitos anos na zona rural do município, é viúva e tem 12 filhos, onde 8 filhos estão

¹²Depoimento de Dona Egidia, concedido ao pesquisador Danilo GianiniDocema, no dia 24/05/2009 na cidade de Espírito Santo do Dourado, documento transcrito e digitalizado.

¹³Depoimento de Dona Vita, concedido ao pesquisador Danilo GianiniDocema, no dia14/03/2009, na cidade de Espírito Santo do Dourado, documento transcrito e digitalizado.

vivos, foi muitas vezes festeira da festa de São Benedito e dançou congo na sua adolescência.

Dona Vita, como gosta de ser chamada já foi várias vezes festeira aqui em Espírito Santo do Dourado e no decorrer da nossa conversa sempre nos deixou claro a sua admiração com os ternos de congo e a sua alegria em vê-los tocar, sendo em época de festa ou nas casas do vários amigos congadeiros que fez ao longo de sua vida.

Condizente em suas falas como Dona Vita se significa e é significada perante a congada e quando diz que “os congo vem aqui em casa, nossa é uma baunça, quando já sabe”, ela faz referência que a visita dos congos em sua casa é sinônimo de alegria e comemorações, se identificando enquanto sujeito constituinte da congada.

Importante ressaltar aqui o interdiscurso, pois, na parte em que ela nos fala “Meus filho nunca dançou congo, mas os neto vai” produz sentidos que a congada é parte constituinte da sua família, mesmo os filhos não dançando, não quer dizer que eles não façam parte dessa identidade, desse mundo que os rodeia, mas no mesmo sentido já colocando que os netos vão dançar, ou seja, aquilo que foi dito com ela, acaba sendo dito novamente (re) significado nos discursos futuros dos netos. A memória não nasce do nada, ela sempre tem algo, como nos diz Pêcheux:

memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas as bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização...Um espaço de desdobramentos, réplicas, polemicas e contra-discursos (1999,p.56)

Essa memória discursiva que se encontra na família de Dona Vita, conhecida também como família de Paula acabou de fato mesmo acontecendo, onde os netos de Dona Vita deram continuidade na tradição discursiva da congada, pois, um dos nossos entrevistados, Webinho é neto de Dona Vita e casado com sua prima, também neta dela. Essa memória discursiva faz parte incessante da constituição dessa família, que ao passar dos anos mantêm em suas vidas o gosto pela congada. Webinho, ao ser perguntado sobre o número de integrantes da sua congada:

Daqui mesmo, amigo, uns vinte e cinco, mas tem pra fora também, então uns trinta...trinta e cinco...e depois perguntado sobre quantos desses

integrantes são da família ele diz “...Uns vinte e cinco... É tudo primo e irmão.”

Temos aqui então uma produção de sentidos que faz parte do cotidiano da família de Paula, onde a condição de produção congada se faz no/pelo discurso. Fazer-se presente na congada e principalmente ser da família, representa para Webinho um sentimento de identificação, de alegria, não deixando que a congada deixe de ser uma tradição, um discurso, até mesmo quando sujeitos chamados por ele de “fora”, se juntam para dançar, tocar, cantar, constituindo e fortalecendo mais a sua congada, pois, para ele esses sujeitos se tornam parte da família, tanto a de sangue, como também da irmandade do seu terno de congo, quando nos afirma “É tudo primo e irmão”, ser do congo é ser da família, onde compartilham saberes e práticas diversas, onde se significam e se identificam, é um movimento de construção identitária.

Abaixo segue uma imagem que representa a congada de Webinho



Imagem 06: FRANCO, Celio. Terno de congo do Webinho

Na imagem 05, percebemos como o grupo da congada é o lugar onde os congadeiros reafirmam e constroem suas identidades, são sujeitos ainda jovens e na sua maioria homens, que ao som dos tambores acabam se unificando, sendo a

congada também uma forma de lazer, aonde os sujeitos trocam experiências a todo momento, produzindo efeitos de sentidos, como ser congadeiro.

A memória entendida pelo viés da AD nos possibilita colocá-la como um acontecimento que se inscreve no sujeito de forma que este não tem controle, que se faz presente no indivíduo e que este pode vivenciar momentos outros, produzindo novos sentidos por dizeres que já foram ditos. A memória desenvolve a aptidão de estar sempre no lugar do outro, mas sem possuí-lo.

Trabalhar com o festejo é trabalhar diretamente com a memória, com o interdiscurso, ou memória discursiva, pois, é através disso que percebemos a festa como uma prática cultural com suas (re) invenções, através das experiências e memórias dos participantes da festa, refletindo os discursos das pessoas que permeiam o festejo.

Trabalhar com a História oral nos permite poder tentar buscar eventos e aspectos históricos inseridos na sociedade, em torno das cisões do sujeito no tempo e no espaço, entendendo que a memória discursiva instituinte e instituído da realidade e dos sentidos dos sujeitos, que quando ao registrar as diferenças históricas contidas nos discursos dos depoentes, a memória mapeia simbolicamente e discursivamente as fronteiras do homem, pois, os discursos indicam nas muitas memórias o caminho da adesão (da escolha), são reveladoras dos desejos individuais e coletivas.

Pensando nisso percebemos a relação que existe entre memória individual e memória coletiva, sendo a individual um estado de consciência sensível, que se constrói a partir de referências próprias de um grupo e não é isolada, estando ela conectada na memória coletiva, esta por sua vez apoia-se no passado vivido, na pluralidade, que por sua vez é ativada pela memória individual. Halbwachs(1990), já dizia que a memória individual e coletiva, se inter-relacionam, alimentando-se na memória histórica e vivem em constante embate pelo status de construir história.

Afirmando que o interdiscurso não se pode ser dissociado dos dizeres, isso nos leva a considerar que o sujeito é levado a interpretar a todo momento, ou seja, temos que levar em conta as condições de produção que fazem o sujeito ser do discurso, também pensando na questão ideológica, que é a matriz própria do sujeito e dos sentidos. O sujeito da AD é duplamente afetado em seu funcionamento psíquico, pelo inconsciente e em seu funcionamento social pela ideologia. Pêcheux afirma que o:

recalque do inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar como processo do significante na interpelação e na identificação, processo pelo qual se realiza {...} as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção (1975, p.133-134).

Entendemos a história na AD como “efeito de sentido”, ou seja, como constitutiva da produção dos sentidos (Nunes, 2005), estando o sujeito afetado pela ideologia, e este por sua vez se faz presente no mundo através da língua, que com suas falhas se inscreve na história.

O movimento linguageiro da festa com suas (re) significações através das memórias e experiências dos participantes das festas nos fazem compreender a história como meio de transformação e constituição de sentidos, provocando reflexões no mundo atual.

O congadeiro Weberton de Paula (Webinho, como já percebemos anteriormente em seu depoimento é líder da congada de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Ifigênia. Webinho é negro, trabalhador rural, tem 24 anos, é casado e morador da cidade. Ao ser perguntado por que é o líder deste terno de congo, Webinho responde: “Pra não acaba a tradição, pra não acaba o congo, falei “Vo monta um”, e fui”. Podemos notar no discurso de Webinho que para ele tomar conta do terno de congo é manter a tradição, se significando e sendo significado pela prática cultural da congada.



Imagem 07: FRANCO, Celio. Estandarte dos Santos.

A congada de Webinho leva o nome de Três Santos, como podemos ver na imagem 06, bem a frente da bateria está o estandarte dos santos, que representam a congada, característica marcante dos grupos congadeiros. Já no nome percebemos como a religiosidade é forte na congada e como isso faz parte da ideologia dos congadeiros, do mundo simbólico que estão inseridos, logo que ao ocupar uma determinada posição sujeito, a religiosidade é atravessada de inúmeros sentidos, mas nunca deixada de lado.

Foi de uma promessa que eu fiz, né, de um acidente que eu tive, eu quebrei a bacia, e falei, eu creio em São Benedito, e se ajuda eu a anda e de tudo certo eu vo pega a festa, e deu tudo certo e fiz a festa de São Benedito¹⁴.

Através das palavras de Webinho, Foi de uma promessa, percebemos como a fé religiosa em santos é visível e constituinte da vida de congadeiros (as), fé aqui no sentido de crença, eu creio em São Benedito, confiabilidade e esperança, que através de seu pedido ele confiou nos santos para que sua recuperação fosse abençoada.

Os Santos como São Benedito e Nossa Senhora do Rosário são um dos mais populares entre os congadeiros, tanto que muitas congadas levam os nomes do Santos, pelo simples fato que os negros, desde a época da escravidão, escolheram estes santos para serem seus padroeiros. Existe uma variedade de manifestações que são aplicadas para homenagear os santos, dentre elas a prática de linguagem da congada.

¹⁴Depoimento de Weberton de Paula, Webinho, concedido ao pesquisador Danilo GianiniDocema, no dia 17/04/2013, na cidade de Espírito Santo do Dourado, documento transcrito e digitalizado.



Imagem 08: FRANCO, Celio. Visita da imagem de Nossa Senhora à casa de Dona Vita.

Na imagem 08 podemos perceber uma evidência de sentido muito comum aos sujeitos congadeiros (as) como no caso de Webinho, ou no caso de Dona Egidia, filha de congadeira, Mãe congadeira, Avó e Bisavó congadeira, posição sujeito que mesmo na sua longevidade faz questão de sair a janela de sua residência para ver a congada na sua performance nas ruas da cidade e também para fazer agradecimento a Santa.

Ver Dona Egidia com sua mão estendida a Santa parece-nos ser um movimento que nos lembra a ação de fieis perante a um altar, do olhar do sujeito perante ao simbólico religioso, da expressão, estando a Santa a sua frente. É constitutivo de Dona Egidia se significar e ser significada perante a imagem da Santa.

Dona Egidia cresceu numa cidade pequena de interior, com tradições religiosas, características comuns nas cidades do sul de minas, devido às origens de povoamento e formas de colonização, como no caso de Espírito Santo do Dourado, visto de forma explícita no próprio nome da cidade, isso nos permite compreender que a constituição da sociedade douradense se deu nos discursos religiosos, afetando ideologicamente os sujeitos moradores.

De outro lado, temos na imagem 07, um sentido que ao ser analisado pelo viés da AD, permite compreender que não é a Dona Egidia que sai a janela para ver a santa, e sim à santa que vai reverenciar Dona Egidia, rompendo com o discurso

religioso, invertendo a situação, percebendo que os sentidos aqui tomaram outro lugar.

Ao alcançar a graça pedida ao Santo, Webinho deixa de lado a sua posição enquanto líder da congada, para ocupar a posição de festeiro, tomando a festa para agradecer à São Benedito. Nesse outro discurso, Webinho nos mostra como a religião, a devoção fazem parte do seu dia a dia, como a posição sujeito que ele ocupa varia com sua condição.

Através das canções podemos compreender melhor como funcionam os discursos dos congadeiros (as) no seu cotidiano, nas suas experiências de vida e como eles concebem a linguagem (mesmo de forma inconsciente) como fator social-histórico para que eles sejam reconhecidos na sociedade.

Oooooo...Oooooo...Oooooo...São Benedito ele é o cozinheiro, e na congada ele é o padroeiro, Praia dourada, festa maravilhosa! Ela é uma linda rosa, agradecemos ao festeiro. Por vir do sol viva ao caminho da lua, viva as estrelas brilhando sobre a rosa, Eu sou devoto de São Benedito, Sou afilhado de Nossa Senhora. Eu sou devoto de São Benedito, sou afilhado de Nossa Senhora.

Esse é um Trecho de uma música cantada pela esposa de Webinho, Rosana de Paula. Falar de congada é falar de musicalidade, uns dos sentidos que constituem a congada. Nessa canção que foi criada pela Dona Vita, como já foi dito é avó de Webinho e sua esposa Rosana, São Benedito passa a ocupar posições sujeitos que o transforma num sujeito sem a divindade, um sujeito normal, humanizado como cozinheiro e festeiro, como fica evidente neste enunciado “São Benedito ele é o cozinheiro, e na congada ele é o padroeiro”. Dona Vita de forma inconsciente ao compor a canção faz de São Benedito um sujeito ao mesmo tempo santificado e assujeitado, que através dessa canção passa a se inscrever na história a partir da língua.

Orlandi (2010, p.51) nos diz que “a subordinação explícita do homem ao discurso religioso dá lugar à subordinação, menos explícita do homem, as leis: com seus direitos e deveres”. Nesse sentido ao pensarmos na congada e nos congadeiros que ao cantarem suas músicas homenageiam e enaltecem os santos, não o fazem pensando no social e político que movimenta a história, mas o fazem ocupando uma posição sujeito que é afetado pelo simbólico, pela ideologia. É na congada que esses indivíduos se significam e são significados e ocupam posições sujeitos diferentes.

Partindo do reconhecimento da diversidade, da pluralidade, do direito de trabalhar pela construção de projetos alternativos e do uso de novas metodologias de análise, acreditamos que produzir História, nas Ciências da Linguagem – e, particularmente, na Análise de Discurso - nos permitirá contribuir para a sua democratização, pois estaremos reconhecendo uma multiplicidade de sujeitos e agentes, de formas e maneiras de interpretar além do já dito. Para a Análise de Discurso, a História é produção de sentidos. Não é contexto nem explicação, e, sim, um movimento contínuo, exposto a intervenções que se renova a cada dia. Fazer História, nessa perspectiva, significa levar em conta os sujeitos de – e na – linguagem. (DOMINGUES & CARROZZA, 2013, p.142, 143)

Pensar nesses sujeitos que fazem parte do festejo, partindo do pressuposto que se fazem constituídos na sociedade através de seus discursos e que se inscrevem na história através da linguagem é estar atento as inúmeras possibilidades de enxergar os sujeitos se significando e sendo significados, portanto esses sujeitos sempre afetados pela ideologia são transformados nos sujeitos dos discursos, a esse respeito Paul Henry (1992):

O sujeito é sempre e, ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação. (p.188)

Cabe ao pesquisador então olhar para esses sujeitos nas suas variadas formas na sua relação com o passado a partir do presente, percebendo que as diferenças e mudanças se dão pelos discursos, nessa constituição de sujeito e também dos sentidos.

A História analisada pelo viés da AD passa a ser concebida com um movimento que não se restringe a fatos e acontecimentos que acabam se tornando um único sentido. A AD transforma esse único sentido em um leque de possibilidades que tem no sujeito e na língua o seu diferencial. Já vimos que para se significar o sujeito se inscreve na história na/pela linguagem e percebemos isso quando falamos que a congada é uma tradição cultural que é passada de geração em geração, discursos que são repassados através da memória discursiva.

Os sujeitos congadeiros vivem e (re) significam lutas cotidianas, sendo assim a congada uma forma de viver sentidos diversos de tempos remotos, ligados à religiosidade, ao lazer, à sociabilidade, à família, à constituição do processo de formação identitária de homens e mulheres em sua maioria negros que muitas vezes estão à margem da sociedade. Ser congadeiro(a) é ser líder, devoto, mestre, é estar

a frente de um acontecimento discursivo que acontece constantemente e viver em diálogo com diferentes tempos da memória.

CAPÍTULO III: DA LÍNGUA AO DISCURSO

Meu sinhô dono da casa,
 Dá licença eu vo chega,
 Vim trazê São Benedito
 Para mode lhe visita.
 O rei que mandô, meirinho que deu sinal,
 Oi mandam marra paia Piraquara, oi manda marra paia.
 (canção de terno de congo)

O objetivo deste capítulo é discutir a linguagem como forma de ação e a ligação entre Língua e Discurso, bem como os sujeitos congadeiros significam nas/pelas canções e também na constituição da sua historicidade, tendo como corpus de análises algumas canções de uso da congada. "Falamos a mesma língua, mas falamos diferente" (Orlandi, 2010), assim podemos nas palavras de Orlandi dar destaque a questão da interpretação na AD, onde uma palavra, um enunciado, um discurso pode ter inúmeras visões e compreensões, pois não basta interpretar, devemos compreender.

A AD é diferente das outras teorias das ciências humanas e exatas pelo simples gesto de termos na interpretação um jogo de sentidos, sentidos esses múltiplos, onde cada analista pode estar compreendendo um mesmo objeto de formas diferenciadas.

a questão posta pelo pesquisador, a maneira como ele considera seu material, construindo o objeto de sua análise, seus objetivos e seu campo teórico, onde se dará a interpretação dos resultados de sua compreensão, podem trazer contribuições sempre diferentes e extremamente frutíferas para o conhecimento do objeto simbólico em questão e a observação dos processos de significação.(ORLANDI,2013,p.3)

Interessa-nos aqui entender que por meio desta pesquisa compreendemos que a festa é também um espaço de significância e como esta produz sentidos na vida dos homens e mulheres sujeitos ativos do festejo.

Para isso partimos de alguns trechos de canções cantadas pelos congadeiros enquanto desempenho nos dias de festa, no decorrer de suas atuações, para que possamos entender como o funcionamento do discurso e da língua, aqui pensada não somente como formas de comunicação, se permeiam na performance festiva, lembrando o que nos diz Orlandi(2010,p.21) " a linguagem serve para comunicar e

para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados”, por isso o indivíduo sempre esta sujeito a se significar e ser significado perante ao mundo simbólico e a língua é o mecanismo de ligação entre sujeito e sociedade.

Analisar trechos de canções das congadas é a possibilidade de se trabalhar com o mundo simbólico dos sujeitos congadeiros que através das suas músicas repassam conhecimento e situações vividas, pois, é através da memória discursiva (interdiscurso) que temos a possibilidade de se trazer à tona inúmeros sentimentos e sentidos a serem constituídos na sociedade. “os sentidos e os sujeitos se constituem em processos em que há transferências, jogos simbólicos dos quais não temos o controle e nos quais o equívoco- o trabalho da ideologia e de inconsciente – estão largamente presentes (ORLANDI,2010,p.60).

Ao ouvir e observar a canção de entrada dos congados na cidade¹⁵, o jogo, o equívoco, as transferências de sentidos, o acesso ideológico e inconsciente do sujeito irão variar conforme a filiação discursiva que ele se encontra num determinado momento, tudo isso aliado a sua condição de produção.

Imaginamos que de acordo com que Orlandi define muito bem, o sujeito na sua trajetória de vida é assujeitado a inúmeras situações que farão ele se inscrever a discursos múltiplos, e de acordo com as canções de congadas, os sujeitos congadeiros, ocupando esta posição sujeito, estão filiados no discurso religioso e festivo, por isso, geralmente as músicas expressam a devoção aos santos negros e como estes realizam seus milagres (como por exemplo, a libertação dos escravos, que para eles foi também um atendimento das preces realizadas).

“Meu sinhô dono da casa,Dá licença eu vo chega, Vim trazê São Benedito Para mode lhe visita”. Neste fragmento de corpus musical podemos perceber alguns detalhes que nos remetem a tempos passados e que ainda nos dias de hoje são efetivos sentidos, como por exemplo, a questão da palavra Sinhô, que falada desta forma remete aos dizeres dos escravos, que num passado não tão distante se dirigiam aos seus senhores (donos) desta forma, sendo este enunciado, dizer, um discurso historicizado pela condição de produção escravidão, que de forma inconsciente e ideológica se estruturou nos discursos destes sujeitos, que mesmo

¹⁵ É constitutivo da tradição da congada que ao chegar às cidades das festas, os congadeiros comecem a cantar, para já de início marcar presença no festejo. É comum também que este ritual seja praticado na hora de ir embora, por isso é conhecida como canções de entrada e saída.

após o fim da escravidão continuaram a perpetuar esta forma de se dizer, uma memória discursiva que enraizou e comumente foi repassada aos sujeitos descendentes.

Ainda neste pequeno corpus (música) o mundo simbólico religioso é constantemente reclamado, nos dizeres dos sujeitos congadeiros (as), que ao dizer, “Dá licença eu vo chega, Vim trazê São Benedito, Para mode lhe visita”, transmite toda a característica religiosa, um trabalho simbólico produzido pelo sujeito, remetendo às condições sócio-históricas, também produzindo efeitos de sentido entre os sujeitos. Este fragmento acaba por trazer a figura santificada no seu estreito relacionamento entre o sujeito e sua fé, que por meio deste modo se significa e é significado.

A ação de carregar uma imagem de santo e este santo não sendo qualquer um¹⁶, ou seja, deve ser os Santos Negros que protegem a congada, demonstra que ideologicamente os sujeitos congadeiros (as) têm a prática de estar levando com eles, a cada cidade, a cada lugar a presença de São Benedito, protetor e libertador, para que este esteja sempre simbolizado em suas vidas.



Imagem 09: FRANCO, Celio. Estandarte dos Santos em frente à igreja das congadas em Espírito Santo do Dourado.

¹⁶ Como já foi explanado anteriormente, os santos carregados pelos congadeiros geralmente são santos negros concedidos pelos sujeitos congadeiros como padroeiros, uma memória que ecoa das condições de produção pré e pós escravidão.

Na imagem 09, podemos verificar que nos dias de hoje o estandarte carregado pelas congadeiras simboliza os santos que vieram Para mode lhe visita, e é o estandarte que assume esta função, mostrar ao povo que os santos são parte constitutiva da festa e da congada, considerados tão importantes que vão à frente da bateria, para que sua chegada seja vista e significada por todos.

A interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação. Mais interessante ainda é pensar os diferentes gestos de interpretação, uma vez que linguagens, ou as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos (ORLANDI, 1996, p.9).

Se para nós as canções das congadas são discursos que se aplicam na língua e na história de um povo, que no viés da tradição da congada se fez e se faz presente na sociedade nos dias festivos, pois, é nos dias de festa que estes discursos produzem efeitos de sentido entre os sujeitos congadeiros (as) e os sujeitos participantes do festejo, como por exemplo, o sentido religioso em torno da devoção aos santos negros.

Como só uma parte do dizível é acessível ao sujeito- as diferentes posições sujeitos resultam de sua inscrição em diferentes regiões de sentidos (diferentes formações discursivas)- com esta escuta o analista poderá ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras. (ORLANDI,2001,p,64)

Ocupar a posição autor, (isso se dá de forma inconsciente) o congadeiro assume uma posição que para ele não existe, ou que ele não conhece, para o analista de discurso entendê-lo enquanto autor é poder ver a própria língua funcionando ideologicamente, mesmo que de forma inconsciente, as canções de congadas nascem dessa relação entre os sujeitos e os sentidos, das falhas, do equívoco, da história.

3.1 Corpo e prática de linguagem

Atualmente, nas festas que ocorrem na cidade de Espírito Santo do Dourado, tanto como a festa de São Benedito como a de Nossa Senhora do Rosário, vários

ternos de congos vêm para este município para tocar e dançar, como tradição da região sul mineira. Mas também como forma de luta e resistência, levar os congos para diferentes municípios é marcar presença da cultura afro-brasileira que é forte na região, composta em sua maioria por homens negros e pobres e que, com diferentes estratégias, se organizam e participam em diferentes espaços marcando e (re) significando suas práticas culturais desde tempos remotos.

Em se tratando das condições de enunciação da *rave*¹⁷, é possível dizer que a música é o elemento que organiza a festa, em especial quando se trata da dança: a música, compreendida enquanto som produzido por sintetizadores eletrônicos é o elemento organizador que rege os movimentos corporais. Sua materialidade produz a ordem da dança na relação com o real da história, possibilitando outros sentidos sobre os corpos. A música é, por certo, parte fundamental da festa, elemento que faz convergir sujeitos heterogêneos e dessemelhantes. Seu modo de funcionamento é determinante nas relações sociais que se estabelecem na festa, configurando sentidos para os corpos dos sujeitos. (AZEVEDO, 2013, p 61)

Partindo das palavras de Azevedo e traçando um paralelo com o nosso objeto de pesquisa, compreendemos que a congada enquanto prática de linguagem leva os sujeitos congadeiros a se constituir nos sentidos praticados nas condições de produção da festa. A instrumentalização, as danças, as canções acabam se significando, nessa relação do sujeito com o corpo.

Para que possamos tentar entender como se dão as constituições das canções de congada, que tem como parte as danças, apresentação e corporalidade, percebendo-as como parte integrante dos discursos acerca da tradição das congadas, ou seja, parte constituinte da língua e história dos sujeitos congadeiros(as).

Perceber que a congada tem a musicalidade como parte fundamental da sua estrutura, nos faz refletir na questão que Azevedo nos expõe muito bem acerca da relação corpo/ linguagem (a musicalidade é entendida como uma manifestação de linguagem), no qual o discurso acaba ganhando sentido através da manifestação corporal, no caso aqui, os sujeitos congadeiros são significados também pelas movimentações de seus corpos, que ao estar dançando efeitos de sentidos são

¹⁷Tese defendida pela Doutoranda Aline Azevedo. Orientadora: EniOrlandi. Esta tese tem por objetivo compreender os movimentos de sentido sobre/do corpo produzidos em diferentes materialidades significantes, e que mantém relação com três práticas discursivas e corporais distintas, aqui teorizadas como tecnologias corporais: a dança, a medicalização do corpo e a tatuagem. Para tanto, priorizamos o espaço da festa *rave* como lugar de produção dessas práticas, sítio significativo que abriga processos de identificação e individualização do sujeito contemporâneo, conforme a proposta de Pêcheux e Orlandi.

produzidos, tanto ao som das canções quanto ao som das batucadas e batidas dos pés ao chão.

Os sons penetram nos corpos, nas vozes dos tocadores, cantadores e dançarinos (todos chamados de congadeiros). As misturas dos sons trazem à tona o movimento quase que natural dos corpos, que parecem voar da superfície, com movimentos e passos ensaiados. (DOMINGUES, 2007, p.112)

Domingues nos relata alguns dos sentidos que constituem os sujeitos congadeiros, nas suas performances, exaltando o ritmo e o movimento dos corpos, que passam a ser parte instigante do sujeito congadeiro, no qual a todo instante os congadeiros(as) conseguem se fazer vistos.

Se pensarmos nos movimentos dos congadeiros(as) nas apresentações, estamos falando diretamente de como estes sujeitos conseguem através da corporalidade produzir discursos, que refletem no público, na relação locutor/interlocutor e ainda mais profundamente podemos falar em memória corporal, comparando-a com o interdiscurso, aquilo que fale antes e em outro lugar, acreditando que as performances dos congadeiros(as) são reproduzidas de tempos anteriores, pelos antepassados, agora em tempo presente (re)significada, discursivizada.

As letras das canções das congadas geralmente retratam uma realidade dos sujeitos devotos e como os santos fazem parte da constituição de vida desses sujeitos, que muitas vezes dedicam a criação das canções aos santos, como forma de homenagem. Estar analisando algumas canções acerca da congada é poder compreender como os sujeitos e seus discursos se inscrevem na tradição da congada e como isso faz parte das suas histórias:

a análise de discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (ORLANDI, 2010, p.15/16)

A AD nos permite estudar os sujeitos e seus sentidos através da língua/ linguagem e entendemos aqui que as canções são formas de linguagem que faz dos sujeitos indivíduos que se significam e são significados perante as canções, seja enquanto sujeitos, seja enquanto congadeiros (as), membros de um grupo afro-

descendente que através da congada persistem em manter suas tradições vivas, pois o sujeito se constitui na/pela linguagem e se inscreve na história para se significar (Orlandi, 2008).

As canções originadas nos festejos pelos congadeiros(as) evidenciam muitas vezes suas trajetórias de vida enquanto ocupam essa posição sujeito, que através dos tempos se (re)significam, situando os mecanismos que permitem que a narrativa da tradição da congada perdure na sociedade, sendo um discurso que nos remete muitas vezes as lutas de classes, onde os congadeiros(as) com suas manifestações religiosas se amparam nos santos, sendo estes seus protetores espirituais.

“Ah!, Mãe Preta abençoada, ah! Princesa Isabel
 Louvado seja quem merece a gratidão
 13 de maio, dia da libertação acabou a escravidão
 Ai, ai, ai, ai...
 13 de maio é uma data de muito louvor
 A congada se reúne pra festejar São Benedito
 Ai, ai, ai, ai, ai...
Vem a rainha com a bandeira na mão
Reza pra santa Isabel, que deu a libertação
 Ai, ai, ai, ai...
Santa Isabel é uma santa milagreira
Libertou a escravidão, pois é muito caridosa
 Ai, ai, ai, ai... (D.O. LEITURA) “.

Esse trecho de canção que faz parte de um repertório dos congadeiros e nos traz alguns pontos a serem analisados, como logo podemos perceber se trata da libertação dos escravos com a assinatura da lei Áurea em 13 de maio de 1888, pela Princesa Isabel. Em primeiro Lugar é valido ressaltar aqui que a tradição da congada faz parte da cultura africana que se difundiu no Brasil, transformando numa cultura afro-brasileira, que possibilitou um sincretismo, a partir do momento em que os afro-brasileiros passaram a se constituir dessa forma.

Bem no início da música vemos toda a adoração a santa negra (mãe preta) e também a Princesa Isabel, que para os escravos ela acabou se tornando uma santa também, pois, para eles o ato de assinar a lei que os libertava das condições desumanas, ficou merecida de gratidão. Nesses traços religiosos percebemos toda a devoção que permeia o congado e seus rituais, mas para eles nesta posição sujeito que eles se encontravam, não importavam se teriam ou não depois um auxílio pelos serviços prestados a este país. Tanto que percebemos que a lei foi assinada no dia 13 de Maio, ou seja, no mesmo dia de São Benedito.

Pensamos então que esta ação realizada pela monarquia brasileira não teve caráter libertador, foi meramente uma ação política que tentara ganhar mais alguns anos no poder (esse período a monarquia enfrentava uma crise política, religiosa, e social que iria por fim ao sistema no país¹⁸). Mas para os escravos libertos tudo estava sendo relacionado com as situações que os fizera produzir este tipo de discurso, sua relação com a exterioridade, se significando e sendo significados, e também tomando posição, que aqui entendemos como religiosa.

Seguindo a canção percebemos essa adoração religiosa à princesa Isabel que a partir deste trecho destacado a frente, se torna uma Santa “Vem à rainha com a bandeira na mão Reza pra santa Isabel, que deu a libertação...” Destacamos aqui a condição de produção desses afrodescendentes que afetados pelo simbólico, se significam enquanto religiosos adoradores de São Benedito e agora da Santa Isabel.

“Santa Isabel é uma santa milagreira, Libertou a escravidão, pois é muito caridosa”, nesse outro recorte Princesa Isabel passa a se significar não mais como princesa regente, mas sim com uma Santa que causa milagres, tornando-se caridosa, assume também essa posição sujeito, que para essa classe que acaba de surgir à sensação de libertadora.

Há nesse corpus um deslizamento de sentido referido a Princesa Isabel, que de sujeito Princesa, de carne e osso, passa a ser idealizada como uma divindade, assumindo outra postura, outra posição sujeito. A devoção é tanta que na canção ele se cristalizou e entrou para história também pela linguagem musical.

Orlandi (2010, p.51) nos diz que “a subordinação explícita do homem ao discurso religioso dá lugar à subordinação, menos explícita do homem, as leis: com seus direitos e deveres”. Nesse sentido ao pensarmos na congada e nos congadeiros que ao cantarem suas músicas enaltecem santos e homenageiam personagens históricos não o fazem pensando no social e político que movimenta a história, mas o fazem ocupando uma posição sujeito que é afetado pelo simbólico, pela ideologia. Nessa forma sujeito-histórica que se dá o assujeitamento dos indivíduos, que a partir da abolição passam a ser submetidos ao estado e as leis. É na congada que esses indivíduos se significam e são significados e ocupam posições sujeitos diferentes.

¹⁸Ver mais em PRADO JUNIOR Caio, 1907-1990. Formação do Brasil Contemporâneo: colônia- São Paulo: Brasiliense. 2004

Tentamos pensar aqui a relação dos sujeitos com a língua e Orlandi (2009) enfatiza “falar é uma prática política, no sentido largo do político, quando se consideram as relações históricas e sociais do poder, sempre inscritas na linguagem”, ou ainda “ não se pode dizer aquilo que (se poderia, mas) foi proibido” (Orlandi,1995), podemos dizer que os sentidos do congadeiros muitas vezes são silenciados em uma formação discursiva e que através do discurso presente nos festejos este sujeito congadeiro se constitui, produzindo efeitos na sociedade.

Estes trechos acima debatidos e analisados tentaram mostrar alguns aspectos em torno do discurso produzido ou (re) significado em uma parte de música cantada por um terno de congo. São as canções dos congadeiros (as) responsáveis por demonstrar através da língua os conflitos em que esses sujeitos foram e são constituídos e mesmo com o passar dos anos conseguem resistir, já que a consideramos através da AD a língua também como um fator social e histórico, sendo nas canções a possibilidade dos sujeitos se fazerem vistos e percebidos na sociedade.

Para Michel Pêcheux (2002), a história é um mecanismo de interpretação do homem diante aos fatos, onde a história se faz presente através da língua e seguindo este raciocínio nos deparamos com o seguinte trecho “Vem a rainha com a bandeira na mão Reza pra santa Isabel, que deu a libertação”, onde começamos a perceber a existência do discurso fundador (Orlandi, 2003) enraizado como um interprete da história. Ainda segundo Orlandi (2003, p.24) “o discurso fundador se faz em uma relação de conflito com o processo de produção dominante de sentidos, aí produzindo uma ruptura, um deslocamento”.

A ação política da princesa Isabel ao assinar a lei Áurea de 1888 implicou numa mudança de sentidos que a partir do momento em que os escravos se reconheciam enquanto tais passam a ser considerados “livres” num processo de ruptura que quebra com os sentidos antes atribuídos a eles, enquanto ocupavam a posição sujeito escravo, pois, era somente este sentido dominante que era permitido a eles e assim designados na sociedade. O que queremos dizer é que a partir da assinatura da lei, os sujeitos escravos passaram a se inscrever numa nova rede de filiações, totalmente nova, que através do discurso fundador passou a ser “um fio de instauração do novo” segundo Orlandi (2003).

A mesma situação pode ser referida à Princesa Isabel, que nos versos da canção (corpus) ela passa a ocupar uma nova rede de sentido, que de Futura

“rainha com a bandeira na mão”, desliza para “santa Isabel, que deu a libertação”. Em decorrência do interdiscurso aquilo que antes era significado de um jeito passa a ser outra memória discursiva, que (re) significada inscreve-se na história, num deslocamento de sentido. “Sentido e sujeito se constituem ao mesmo tempo e não têm uma origem circunscrita referível... O que estamos dizendo do discurso fundador contempla a instancia da produção de sentidos”. (Orlandi, 2003, p.24).

3.2 Musicalidade e Linguagem

Segundo Gonçalves (2014) a música é uma forma de linguagem em funcionamento e o seu trabalho simbólico surge como efeito de sentido entre os sujeitos, que fazem da música um discurso, no qual seu funcionamento se dá através da língua enquanto condição social do sujeito.

à linguagem musical como um trabalho simbólico e quem, por consequência, uma ação transformadora entre o sujeito e a realidade natural e social, de modo que a música pode ser considerada uma linguagem em funcionamento, produzindo efeitos de sentido entre os sujeitos (GONÇALVES, 2014, p.26)

Ao considerarmos a linguagem musical como um campo simbólico, permeado de discursos, atravessados de sentidos e ideologia, do qual é uma linguagem em funcionamento, retomamos então nosso objeto de análise; o discurso nas canções proferidas pelos congadeiros, ao ouvir e sentir esta musicalidade entendemo-las como manifestações de linguagem, atravessadas de discursos religiosos, oficializados, de dizeres dos mais velhos, que tornam-se composições (textos) que ganham sentido musical e cultural, que através dos tempos enraízam sentidos e situações que estão brevemente ligadas as formas de se dizer dos sujeitos congadeiros(as) e de suas condições sociais e históricas, dando destaque aqui a relação também do silêncio, pois, este também se significa e é significado nas canções e nos sujeitos congadeiros(as),. “A música, de seu lado, também significa pela maneira como se textualiza e como circula em seus modos de fazer sentido” (Orlandi, 2004, p.121).



Imagem 10: Docema, Danilo: Performance musical de congada, 2015.

A canção é uma manifestação de linguagem artística, onde os congadeiros assumem essa posição de artista, por que não atribuir este sentido a eles, mesmo que de forma inconsciente, permitindo que nas suas músicas exista uma interpretação de mundo através da língua.

Esse campo simbólico que em dias de festa é permeado muitas vezes por situações que fazem dos sujeitos seres assujeitados, permite que a ação do improviso instaure nas canções, construindo imagens, histórias e sentidos que se afirmam nas músicas.

Webinho, um de nossos entrevistados e também líder da congada de São Benedito ao ser perguntado de que forma ele aprendeu as canções de congada nos responde; “De vê os capitão cantano, pega da cabeça, de uma música tira uma letra, e de outra...e aí vai...”. Nesses dizeres podemos perceber a ação de improvisar diante de tantas situações presenciadas por estes sujeitos congadeiros (as), que ao estar inseridos socialmente no mundo simbólico da congada, das festas, passam a usar de mecanismos que possibilitam todo um dizer, aquilo que está lá, o já dito, a memória discursiva, mas que são (re) significados com o passar dos anos.

O ato de crescer musicalmente e De vê os capitão cantano, realça constantemente que a congada é uma manifestação de linguagem que tem nas suas

músicas um mecanismo discursivo muito importante, pois, a música é carregada de sentidos que são produzidos a partir de posições ideológicas diversificadas.

Crescer no seio social da congada é particularmente uma característica de estar sendo significado como músico, atribuindo este sentido artístico e não como o sentido que Webinho fala ao ser perguntado de como é a reação das pessoas quando a congada chega às cidades:

Com congo tem lugar que o povo mais velho canta folia de Reis aceita e canta, mais o povo mais novo... e lugar quando agente chega e fala: “O bando de louco bateno lata”, tem preconceito sabe,mas as cidade vizinha nossa o povo aceita...

Na concepção de Webinho, o preconceito é um sentido atribuído a congada, que constantemente sofre com esse tipo de discurso, mas somente para as pessoas que não conhecem as congadas e não estão inseridas nesta filiação discursiva. Já segundo Webinho as cidades vizinhas que vivenciam e foram constituídas ao longo da história pelos discursos festivos, conhecem este mundo simbólico que faz parte de suas ideologias.

(...) Cheguei na porta da Igreja
balanceei para lá e para cá
eu avistei São Benedito
colocado no altar (...)
Louvando dia treze de maio:
Salve doze, treze de maio.
Salve doze, treze de maio.
Dia da minha liberdade.
Eu choro minha gente,
Eu choro.
Só de lembrar deste dia.
Se esta casa fosse minha
eu mandava ladrilhar
ou de ouro ou de prata
para o meu pessoal
passar.(canção de congo)

A canção acima nos retrata uma situação muito comum entre os congadeiros(as), que é a chegada da congadas em dias de festa na igrejas para celebrar e agradecer aos santos, “Cheguei na porta da Igreja, balanceei para lá e para cá,eu avistei São Benedito, colocado no altar”, é de forte instancia que ponderamos ações dos sujeitos que ao balançar pra lá e balançar pra cá, acaba

demonstrando o anseio em conseguir espaço em meio aos inúmeros sujeitos um lugar melhor para avistar o Santo colocado no altar.

Ações estas específicas de sujeitos devotos, comumente praticada e inserida no seio religioso, não deixando de ser uma prática de linguagem, que pela ação de seus corpos, juntamente a toda gesticulação, nos remete ao fato que já existe ai um já dito, de tempos antigos, que acaba significando juntamente ao mundo simbólico religioso, como uma pratica de todo indivíduo que se diz religioso faz.

Podemos também dizer que essas ações de balançar pra La e pra cá, também nos mostram a postura da dança da congada, que aos passos ensaiados dos próprios congadeiros(as), chegam minuciosamente para mostrar ao próprio São Benedito suas performances, demonstrando todo seu apelo e respeito ao santo, dançando a congada em forma de respeito e agradecimento.

Louvando dia treze de maio, Salve doze, treze de maio, Salve doze, treze de maio, Dia da minha liberdade, Eu choro minha gente, como característica fortemente encontrada na canções de congada, demonstrar a importância da condição de produção da libertação dos escravos é quase certo, momento este de total importância para aquele momento os escravos libertos e em tempos atuais para os seus descendentes, praticantes da congada. Louvar segundo o dicionário Aurélio tem os sentidos de: Dirigir louvores a; elogiar, exaltar; gabar, enaltecer, aplaudir, aprovar, sendo assim podemos entender que louvar dia treze de maio é agradecer, exaltar, gabar, enaltecer São Benedito, que segundo essa tradição afro-descendente foi o responsável por atender as preces e conseguir libertá-los da escravidão.

Dia da liberdade, eu choro minha gente, dá sequência ao processo de significação em que os sujeitos congadeiros foram constituídos, através do interdiscurso religioso ao longo dos anos, a invocação de dia da liberdade provoca vários sentidos nos discursos e pensando nisso entramos na questão da paráfrase e polissemia, como nos diz Orlandi:

quando pensamos discursivamente a linguagem, é difícil traçar limites estritos entre o mesmo e o diferente. Daí consideramos que todo funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre os processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está ao lado da estabilização. Ao passo que, que na polissemia, o que temos é o deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equivoco. (2010,p.36)

No jogo das palavras, dos dizeres, os sujeitos e os sentidos estão em relação, sendo afetados pela língua e pela história, “é nesse jogo de paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam”. (Orlandi, 2010, p.36). Dia de liberdade, eu choro minha gente, é um enunciado que existe aí sentidos outros, momento de alegria vivenciado por ex-escravos em um passado recente, choro que se significa ruptura de uma condição que sub-humana em que estes sujeitos eram submetidos.

Porém se pensarmos que agora estes sujeitos libertos passam a responder pelas leis do estado, por serem a partir daquele momento considerados cidadãos, pelo menos no que corresponde a lei, o assujeitamento se dá de forma inconsciente para os indivíduos libertos, pois, passariam a ser mal vistos na sociedade, por isso que o discurso da congada é neste estudo também considerado um discurso de resistência, onde os sujeitos passam a ganhar visibilidade na sociedade.

Constituir-se congadeiro é uma forma que os sujeitos encontram nos dias de festas para além de homenagear os santos padroeiros, ressignificar uma memória que em tempos remotos foram eles também, reis, rainhas, súditos, sujeitos que ocupavam posições de destaque nas sociedades. Sair às ruas tocando, dançando e cantando nos refere ao modo de significação dos congadeiros ao discurso político elitizado dos brancos, a resistência está aí, nas posições assumidas durante os festejos, inserindo numa formação discursiva, como nos diz Orlandi 2010 “as formações discursivas são constituídas pela contradição”, contradição ao qual oscongadeiros se inserem nos festejos.



Imagem 11: Docema, Danilo. Congadeiros(as) descansando

É muito comum que em momentos do festejo os congadeiros (as) tenham tempo para descansar e é nesse intervalo que podemos perceber como as posições sujeitos acabam se alternando, onde muitos sujeitos congadeiros deixam essa posição e assumem outras, como mães, pais, filhos, consumidores, expectadores, tudo isso de forma inconsciente, alienando momentos e posições que se misturam na prática de linguagem da congada.

3.3 Texto e discurso

A AD nos possibilita trabalhar com o real da língua, que é o discurso e que segundo Pêcheux (1990) “um saber que não se transmite não se aprende, não se ensina e que, no entanto, existe produzindo e feitos”, sendo a língua sujeita a falhas e essas falhas se dão na sua constituição com a história. O discurso é a transmissão de sentidos entre os locutores e seus efeitos são múltiplos, o que nos leva a pensar que as canções das congadas são redes de memórias que transformadas em músicas se tornam parte do dizível dos sujeitos congadeiros.

Ao trazeremos as canções para o papel estamos fazendo uma textualização de discursos como uma manifestação de linguagem, inscrita ao sujeito, instituída e arquivada dos inúmeros dizeres dos sujeitos, para Orlandi:

o texto... é uma unidade de análise. Para o Leitor é a unidade empírica que ele tem diante de si, feita de som, letra, imagem... No entanto, se vemos no texto a contrapartida do discurso- efeitos de sentidos entre locutores- o texto não mais será uma unidade fechada nela mesma. Ele vai se abrir, enquanto objeto simbólico, para as diferentes possibilidades de leitura. (2005, p. 64)

É na textualização das canções que podemos perceber os sujeitos tomando inúmeras posições sujeito, que através das suas condições de produção fazem-se constituídos e quem sabe ouvidos numa sociedade em que os sujeitos são assujeitados pelo mecanismo capitalista que nos rodeia. Na multiplicidade de sentidos que englobam as canções sempre veremos o destaque recorrente dos sujeitos congadeiros(as) aos santos negros, como forma de destacar a importância que estes tem em suas vidas e de inscrever na história através das falhas da língua uma tradição afro-descendente que permanece ativa na sociedade e na memória cognitiva e também dos interdiscursos que se (re)significam com o passar dos tempos.

Certamente que as leituras e análises realizadas das canções das congadas são feitas de um jeito e não de outro, por ser pesquisador com ênfase na AD procuramos evidenciar nas letras, nos textos musicais as condições de produção em que estas músicas foram produzidas, em pensar que a congada é uma manifestação cultural de resistência afrodescendente é evidente que conste nas canções histórias de vida de escravos, dos santos protetores, do social em foram constituídos, da luta pela sobrevivência das classes menos favoráveis, como salienta Orlandi:

A leitura é assim concebida como trabalho simbólico, tendo em sua base a variância assim como o texto comporta sempre outras formulações. Sob esse aspecto podemos dizer que tanto quanto para a autoria há versões de leitura possíveis. A leitura é a aferição de uma textualidade no meio de outras possíveis. (2008, p.65)

Ainda em pensamentos de Orlandi (2008), ela nos diz que a função-autor busca em suma uma estrutura a ser seguida, “organizada em termos de discurso produzindo um efeito imaginário de unidade (com começo, meio, progressão, não contradição e fim)”. É ocupando esta posição autor que nas canções evidenciamos

essa forma sujeito que, segundo ainda a autora produz imaginariamente o sujeito na origem do sentido e sendo responsabilizado pela sua produção.

Nesse pensamento procuramos nas Palavras de Foucault embasar mais ainda nossa ideia de autoria (aqui pensando nas canções):

O autor, ou que tendei descrever como a função autor- é com certeza apenas uma das especificações possíveis da função sujeito. Especificação possível, ou necessária? Olhando as modificações históricas ocorridas, não parece indispensável, longe disso, que a função autor permaneça constante na sua forma, na sua complexidade e mesmo na sua existência. Podemos imaginar uma cultura em que os discursos circulassem e fossem recebidos sem que a função autor jamais aparecesse. Todos os discursos, qualquer que fosse o seu estatuto, a sua forma, o seu valor, e qualquer que fosse seu tratamento que se lhes desse, desenrolar-se-iam no anonimato do murmúrio [...] pouco mais se ouviria do que o rumor de uma diferença: Que importa quem fala. (1996,p.70-71)

É através dos textos que podemos ver os sujeitos se significando na discursividade e como que estes passam mesmo que de forma inconsciente a ser origem daquilo que dizem, mesmo não sendo, ou seja, existe aí uma memória que permite se dizer aquilo que já foi dito. Nas canções de congada conseguimos ver muito bem isso quando consideramos as canções não mais um texto e sim passando a considerá-la como um objeto discursivo, possibilitando analisá-la como um mecanismo de linguagem.

A canção de congada quando analisada pelo viés da AD, passa a ser considerada como um texto, que não se encontra fechado e sim aberto a sentidos outros, percebendo que nas canções de congada quando elevada a condição de texto/discurso fica-se disponível de jogo, de rupturas, de falhas, de resistência, de repetições.

o texto mostra como se organiza a discursividade, isto é, como o sujeito está posto, como ele está significando sua posição, como a partir de suas condições (circunstâncias da enunciação e memória) ele está praticando a relação do mundo com o simbólico, materializando sentidos, textualizando, formulando, breve, 'falando'. E a leitura percorre este processo (Orlandi, 2008, p. 67).

Quando propomos analisar a canção de congada como um texto, um discurso percebemos o sujeito como constituinte na sua relação com a exterioridade, com o mundo, na sua condição de produção arraigada com uma memória discursiva, entendendo que nos textos (nas canções) existe uma heterogeneidade de sentidos.

São nas canções que conseguimos perceber como os discursos dos sujeitos congadeiros(as) se fazem presentes na festa e também na sociedade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Pesquisar o festejo de Nossa Senhora do Rosário e a congada em Espírito Santo do Dourado teve como principal estudo os discursos que materializam esse acontecimento histórico, que através da linguagem compreende-se o sujeito congadeiro significando e produzindo sentidos, que permeiam o festejo através das trajetórias de vidas.

Entende-se que a festa é de total importância social e constitutiva na vida funcional da cidade, já que os discursos atravessam inúmeros sujeitos, que passam a ocupar posições-sujeitos que se inscrevem em formações discursivas que estão na base do dizer, destacando a memória discursiva que rege acerca do festejo.

Algumas das ponderações que foram importantes para a realização da pesquisa podem ter sido respondidas ou tomaram rumos diferentes ou até não respondidas, apenas debatidas, pois, são muitos pontos que podem ser investigados e muitos que podem surgir durante as análises, são os efeitos produzidos quando estudados pelo viés da análise de discurso.

Através do nosso objeto de estudo e suas manifestações de linguagem, como as entrevistas, fotos, canções que envolvem o festejo e a congada, pudemos ter uma noção melhor do funcionamento do discurso de resistência que se insere nas formações discursivas da sociedade douradense.

Averiguamos após o estudo e chegamos à conclusão que a congada é uma prática de linguagem que constitui os sujeitos congadeiros no seu espaço de significância que é o festejo. Através da técnica da história oral, conseguimos obter entrevistas que foram analisadas para a compreensão do discurso mais comumente materializado dentro das condições de produção da festa.

A análise de discurso é uma disciplina que nos permite estar em contato com inúmeras possibilidades de se compreender os sujeitos produzindo sentidos, ocupando determinadas posições sujeitos, dependendo das formações discursivas que estes sujeitos estejam inseridos. Nós como analistas de discurso, compreendemos a importância da linguagem na constituição dos sujeitos e como não existe discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia (Pêcheux, 1975).

Passamos ao decorrer da construção desta pesquisa a entender a congada e o festejo como práticas de linguagem, sendo ambos constitutivos nos discursos da sociedade douradense, que ao longo dos tempos se ressignifica, produz novos sentidos nos sujeitos congadeiros, nos sujeitos festeiros, nos diversos sujeitos que participam da festa.

As vestimentas, os tambores, as danças, as canções, as expressões dos congadeiros em dias de festa, são os discursos que atravessam estes sujeitos. É no festejo e na congada que eles passam a ser vistos e identificados pela sociedade, entrando em choque com o político, uma vez que compreendemos a congada como um mecanismo de resistência a uma tradição elitizada que desde os tempos remotos excluem, marginalizam e silenciam os discursos desses que sujeitos que se fazem presentes em variadas posições sujeitos, seja o congadeiro em época de festa, seja ele pai, lavrador, religioso. Essa é a forma encontrada para quebrar, romper com o político, que individualiza esse sujeito na sociedade.

REFERÊNCIAS

ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido. In: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (Org.). *Papel da memória* 1. ed. Campinas: Pontes, 1999.

BARROS, José Costa D' Assunção: A ESCOLA DOS ANNALES: considerações sobre a História do Movimento – por Revista História em Reflexão: Vol. 4 n. 8 – UFGD - Dourados jul/dez 2010

BURKE, Perter (org.). *A Escrita da História - Novas Prespectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

CARROZZA, Guilherme; DOMINGUES, Andrea S. Consumo, Espaço e Memória. In: *RUA [online]*. 2012, no. 18. Volume 2, 2012.

COSTA, Greciely Cristina. Discurso, Cidade e História: *metonimização* entre favela e favelado e seus efeitos. In: ANDRADE, Alexandre Carvalho; ANDRADE, Ana Eugênia Nunes (Org.) *Cidades em movimento*. Jundiaí, São Paulo: Paco Editorial, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques; MARANDIN, Denise. *Matérialités*. In: *Matérialités discursives*. Sous la dir. de Conein, B., Courtine, J.J., Gadet, F., Pêcheux, M. - Lille : Presses Universitaires de Lille, 1981, p. 21-33.

DOMINGUES, Andréa Silva. *Cultura e Memória: A festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvanópolis*.

FENELON, Dea. *Cultura e história social: historiografia e pesquisa*. Projeto história, São Paulo, 1993.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

GONÇALVES, U.S.A. *Música e Silêncio: Entre Pautas e Pausas / Uillian Santiago Antônio Gonçalves*. – Pouso Alegre: UNIVÁS, 2014.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HOBBSAWM, Eric. “A História de baixo para cima” (In: *Sobre História*). São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3ªEd. São Paulo: Contexto, 1994.

NUNES, José Horta. *Leitura de arquivo: historicidade e compreensão*, 2005.

ORLANDI, Eni Org.). *Língua e Cidadania: o Português do Brasil*. 1. ed. Campinas: Pontes, 1996.

_____. *O que é linguística?* 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

_____; IANNI, O. ; LAJOLO, M. P. *Sociedade e linguagem* (colab.) 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. (Org.) *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi – 2ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____. *Análise de discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 6ª edição, 2010.

_____. *Discurso e Texto: Formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: 3ª Edição, Pontes Editores. 2008.

_____. *Discurso em análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____. (Org.). *Gestos de leitura*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD 69). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethânia S. Mariane... [et al.] 3. Ed., Campinas, SP: Editora do Unicamp, 1997.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi [et al.]. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. Original francês: PÊCHEUX, M. *Lesvérites de la Palice*. Paris: Maspero, 1975.

_____. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo: colônia*. 23ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na História Oral*. In: *Revista Projeto História São Paulo, EDUC*, n.10 1997.

SOCORRO DE DEUS, Maria, MARTINS DA SILVA, Mônica. *História das festas e religiosidades em Goiás*. Goiás : Editora Alternativa, 2003.

SOUZA, Denilson Vieira de. De Treze de Maio para São Benedito: Sentidos e sujeitos em um festejo afro-brasileiro/ Denilson Vieira de Souza, Pouso Alegre: Univás, 2014. 104 f.